

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Tamiris da Silva Alves

**PERSPECTIVAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR. ESTUDO DE
CASO NO BAIRRO MATHIAS VELHO, CANOAS-RS.**

Porto Alegre
2019

Tamiris da Silva Alves

**PERSPECTIVAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR. ESTUDO DE
CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO, CANOAS-RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Geografia pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Flávia Farina

Porto Alegre
2019

TAMIRIS DA SILVA ALVES

**PERSPECTIVAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR. ESTUDO DE
CASO DO BAIRRO MATHIAS VELHO, CANOAS-RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Geografia pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Flávia Farina

Orientadora

Departamento de Geodésia - UFRGS

Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Departamento de Ensino e Currículo - UFRGS

Profª Dra. Débora Schardosin Ferreira

Prefeitura Municipal de Porto Alegre

CIP - Catalogação na Publicação

Alves, Tamiris
PERSPECTIVAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR. ESTUDO
DE CASO NO BAIRRO MATHIAS VELHO, CANOAS-RS. / Tamiris
Alves. -- 2019.
75 f.
Orientadora: Flávia Farina.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Democratização do acesso ao ensino superior. 2.
Geografia das Oportunidades. I. Farina, Flávia,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

À minha mãe e às minhas irmãs,
esse trabalho é por todas nós.

AGRADECIMENTOS

Dedico meu primeiro agradecimento à minha mãe, minha inspiração de força e coragem, obrigada por sempre me incentivar a seguir meus sonhos. À minha irmã, Gisele, por todos os momentos de parceria, de vida e de estudos. Às pequenas, Ana Beatriz e Maria Sofia por tornar os dias mais doces e alegres. À minha avó, Iara, nunca vou esquecer da tua emoção quando saiu o listão. Ao Eric, meu companheiro, por ter me apoiado desde o ensino médio a buscar esse sonho. Aos meus sogros, José e Rosi, por terem me dado suporte, e à minha cunhada Diuly, por todos conselhos e contribuições, neste trabalho e na vida. Ao meu amigo Andrei, pelo imensurável apoio e parceria, tu tem muita participação em tudo isso! Aos meus companheiros de curso Bruno, Felipe, Natália e Mariana, vocês são incríveis, que sorte tive em encontrar vocês. Ao Lucas, Daniel, Gabriel, Chico, Davis, Miguel, Renan e Dayara, por toda a parceria durante essa trajetória. À equipe da Prefeitura de Canoas, em especial ao Lucas e ao Daniel, colegas de profissão, vocês foram essenciais para minha formação, obrigada por tudo. À equipe do LABMODEL, onde passei boa parte dos meus dias durante a graduação, parte do que sou também está nesse lugar. Aos meus professores do ensino fundamental e médio, as palavras de vocês foram essenciais para eu ter chego até aqui. À Dhieili e à Luiza, obrigada por terem me convencido de que a UFRGS também era lugar para mim. Meu último e especial agradecimento vai à minha (super)orientadora, Flávia Farina, eu não tenho como descrever o quanto tu me ajuda e me inspira, obrigada por ter comprado essa ideia.

RESUMO

Este trabalho objetiva identificar e compreender as relações socioespaciais com a longevidade escolar dos estudantes, tendo em vista as baixas perspectivas de acesso ao ensino superior em escolas periféricas. A partir da realização de entrevistas com alunos formandos de uma escola estadual, localizada na periferia do Bairros Mathias Velho, no município de Canoas, e dos referenciais teóricos, empreendeu-se uma análise com a finalidade de compreender quem são estes alunos, onde eles estão e aonde querem chegar. Além disso, realizou-se um levantamento de características demográficas e da infraestrutura do bairro de inserção dos entrevistados, para entender parte da realidade socioeconômica local. Desse modo, observou-se que os alunos estão inseridos em um contexto que contempla diversas características relacionadas à vulnerabilidade social, como o baixo acesso a equipamentos culturais e de lazer, baixa renda da população, a alta densidade de ocupação e a presença de criminalidade. Identificou-se que, apesar dos alunos terem interesse em ingressar no ensino superior, estes não possuem conhecimento suficiente sobre as oportunidades de acesso. Esse desconhecimento pode estar relacionado aos seguintes fatores: baixa escolaridade familiar, escassez de incentivo à continuação dos estudos, baixa estima dos alunos em relação aos estudos, distanciamento existente entre universidade-escola e, ainda, a limitação de espaços de vivência que possam contribuir nessas perspectivas. Entendeu-se que estes alunos são alvo de diversas condicionantes socioespaciais que os mantêm distantes de boas oportunidades educacionais, que sejam capazes de superar todas as fronteiras interpostas entre eles e uma vida escolar longa e tranquila. Sendo assim, é premente a promoção de ações de incentivo e de divulgação de informações sobre as possibilidades de acesso ao ensino superior para que, cada vez mais, os ciclos familiares de baixa escolaridade nas periferias da cidade sejam quebrados, propiciando, conseqüentemente, a melhora das condições sociais dessa população, empoderando-a e mostrando que, realmente, todos têm direito ao estudo.

ABSTRACT

This paper aims to identify and understand the socio-spatial relationships with the school longevity of the students, considering the low perspectives of access to higher education in peripheral schools. Based on interviews with students that have graduated from a state school located on the outskirts of the neighborhood of Mathias Velho, in the municipality of Canoas, and on theoretical references, an analysis was carried out in order to understand who these students are, where they are and where they want to go. In addition, a survey of the demographic characteristics and the infrastructure of the neighborhood of the interviewees was conducted to understand part of the local socioeconomic reality. Thus, it was observed that the students are included in a context that contemplates several characteristics related to social vulnerability, such as low access to cultural and leisure facilities, low income of the population, high population density and the presence of criminality. It was identified that, although the students are interested in pursuing a higher education, they do not have enough knowledge about access opportunities. This lack of knowledge may be related to the following factors: low family schooling, lack of incentive to continue studies, low esteem of students regarding studies, university-school distancing, and limited cultural spaces that may contribute to these prospects. It was understood that these students are the target of several socio-spatial constraints that keep them away from good educational opportunities that could transcend all the limitations between them and a long and carefree education. Thus, it is urgent to promote incentive actions and disseminate information about the possibilities of access to higher education so that the family cycles of low schooling in the outskirts of the city can be broken, consequently enabling the improvement of the social conditions of this population, empowering them and showing that, in reality, everyone has the right to study.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número de ingressos em cursos de graduação, por modalidade de ensino - Brasil - 2008-2018.....	26
Figura 2 - Percentual de mães adolescentes por bairro.....	35
Figura 3 - Percentual do nível de rendimento da população por salário mínimo.....	36
Figura 4 - Número e percentual de mortes violentas por bairro no ano de 2018.....	37
Figura 5 - Hotspots: mortes violentas em canoas no ano de 2017.....	38
Figura 6 - Distribuição espacial dos bens culturais municipais.....	39
Figura 7 - Localização dos espaços livres destinados ao lazer.....	40
Figura 8 - Percentual de beneficiários por bairro.....	41
Figura 9 - Pessoas beneficiárias do programa bolsa família por setor censitário.....	43
Figura 10 - Distribuição espacial do número de pessoas com até 19 anos de idade com registro no cadastro único.....	43
Figura 11 - Distribuição espacial do total de famílias em situação de extrema pobreza.....	44
Figura 12 - Distribuição espacial do total de famílias em situação de pobreza.....	44
Figura 13 - Distribuição espacial do total de famílias de baixa renda.....	45
Figura 14 - Imagem de satélite que retrata a densa ocupação de parte do bairro Mathias Velho.....	46
Figura 15 - Imagem de satélite de parte do loteamento Getúlio Vargas, no Bairro Mathias Velho.....	47
Figura 16 - Praça Pequeno Cauã, bairro Mathias Velho.....	47
Figura 17 - Conhecimento sobre as oportunidades de acesso ao ensino superior...51	
Figura 18 - Fontes de informações sobre as formas de acesso ao ensino superior..52	
Figura 19 - Espaços e atividades frequentadas pelos entrevistados.....	53
Figura 20 - Motivação pessoal para prosseguimento dos estudos.....	54
Figura 21 - Motivação da família para os estudos do aluno.....	54
Figura 22 - Maior nível de ensino entre os responsáveis.....	55
Figura 23 - Conhecimento dos alunos sobre ações afirmativas.....	57
Figura 24 - “Você acredita que pode ingressar em uma faculdade?”.....	58

Figura 25 - Nuvem de palavras: “Por quê você acredita que pode ingressar no ensino superior?”	59
Figura 26 - Nuvem de palavras “para quê serve o estudo?”	60
Figura 27 - Cursos que o aluno pretende fazer após concluir o ensino médio.....	61
Figura 28 - Número de alunos por instituição de ensino em que pretendem estudar.....	62
Figura 29 - Nível de conhecimento sobre o que é uma faculdade.....	63
Figura 30 - Porcentagem de alunos que gostaria ou não de fazer uma faculdade...	64
Figura 31 - Formas de acesso que pretende utilizar por número de alunos.....	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos	12
1.1.1 Objetivo geral	12
1.1.2 Objetivos específicos	12
1.2 Justificativa	12
1.3 Metodologia	14
1.4 Moradora, aluna, professora e autora	16
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
2.1 Fatores de influência no processo de escolarização	19
2.2 Modalidades de acesso ao ensino superior	23
2.2.1 Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)	24
2.2.2 Programa Universidade Para Todos (PROUNI)	26
2.2.3 Sistema de Seleção Unificada (SISU)	27
2.2.4 Fundo de Financiamento Estudantil (FIES)	28
3. ESTUDO DE CASO: QUEM SÃO, ONDE ESTÃO E AONDE QUEREM CHEGAR	30
3.1 O contexto escolar	30
3.2 Aspectos socioespaciais da área de inserção	31
3.2.1 Recorte espacial do Bairro Mathias Velho	40
3.3 O instrumento de pesquisa: Quem são e aonde querem chegar?	46
4. RESULTADOS: AS PERSPECTIVAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
5.1 Conclusões	63
REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

Apesar do número de programas de democratização do acesso ao ensino superior ter crescido no Brasil nos últimos anos, parte da população não tem conhecimento sobre tais oportunidades, principalmente sobre como acessá-las. Diferenciando-se da realidade de escolas centrais e/ou privadas, nas quais alunos desde muito cedo são incentivados a cursarem uma faculdade após o ensino médio, e têm suporte no momento de escolha e de procura por oportunidades, em escolas periféricas muito se visualiza o ensino superior como algo reservado para pessoas de maior renda, digno apenas dos dotados de extrema inteligência ou que se submeteram a esforços sobre-humanos, excluindo-se, automaticamente, a expectativa de ingresso em tal nível de ensino. Esta reação, muitas vezes, é causada pelo desconhecimento dos mecanismos de seleção. As desigualdades sociais que espelham essa realidade podem ser observadas tanto na distribuição espacial da população que demonstra a segregação espacial sofrida por ela, quanto em indicadores socioeconômicos. Essas desigualdades são reforçadas por um sistema educacional saturado que tenta suprir as mais variadas demandas sociais do território, além da sua função básica do ensino (CENPEC, 2011). Ademais, estudantes de escolas inseridas em contextos vulneráveis, por vezes, são estigmatizados e as expectativas quanto ao seu futuro escolar são muito baixas, levando à desmotivação tanto de professores quanto dos próprios alunos.

O bairro Mathias Velho (município de Canoas, RS), zona de inserção da escola onde foi aplicado este estudo é conhecido, historicamente, como um bairro de população vulnerável, sobretudo nas áreas mais distantes do centro, caracterizada por baixos índices de escolaridade e renda, além de ser um local com alta presença de criminalidade. São vários os fatores espaciais que tendem a agravar as desigualdades, como a falta de equipamentos públicos, desigualdade das oportunidades educacionais e, conseqüentemente, a limitação de experiências e conhecimento de diferentes realidades e projetos de vida, limitando o horizonte de possibilidades dos jovens que estão em uma trajetória escolar geralmente nada tranquila.

Diversos estudos têm tratado sobre a problemática da influência da segregação residencial nas oportunidades educacionais e nas perspectivas de longevidade escolar para alunos de contextos vulneráveis: Flores (2008), Kaztman (2001), Ben Ayed e Broccolichi (2008), Ben Ayed (2012), Koslinski e Alves (2012), entre outros. Em comum, tais estudos ressaltam o emprego dos conceitos de desigualdades socioespaciais, efeito de vizinhança, efeito de bairro e geografia das oportunidades.

Tendo essa problemática em vista, este estudo busca compreender por meio de entrevistas semi-estruturadas quais as perspectivas de acesso ao ensino superior de alunos do terceiro ano do ensino médio na rede estadual de ensino, moradores do bairro Mathias Velho. Essa análise também será permeada pelos diferentes aspectos socioespaciais, escolares e familiares, que podem exercer influência nessa perspectiva, considerando que contextos urbanos periféricos tendem a homogeneizar o público escolar, diminuindo as possibilidades de conhecimento sobre diferentes oportunidades (Kaztman, 2001).

[Em uma sala de aula do segundo ano do ensino médio, em uma escola da rede estadual de ensino no município de Canoas, pergunto aos alunos: “Quem aqui gostaria de cursar o ensino superior/faculdade?”

E então, o silêncio paira na sala. Ninguém se manifesta.]

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Pretende-se com este trabalho identificar as perspectivas de acesso ao ensino superior dos alunos de uma escola da rede estadual de ensino, no bairro Mathias Velho, no município de Canoas-RS.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Levantar as modalidades de acesso ao ensino superior no Brasil;
- b) Caracterizar o perfil socioeconômico do bairro Mathias Velho;
- c) Identificar se há e quais são as perspectivas de acesso ao ensino superior de alunos do ensino médio da área mais periférica do bairro;
- d) Compreender as motivações para tais perspectivas e a influência do contexto no qual os alunos estão inseridos;
- e) Avaliar o nível de conhecimento dos alunos sobre as formas de acesso ao ensino superior.

1.2 Justificativa

A condução de estudos visando analisar e compreender os mecanismos envolvidos nas perspectivas de acesso ao ensino superior, poderá promover ações de incentivo à elevação do nível de escolaridade em áreas periféricas e, conseqüentemente, diminuir as desigualdades socioespaciais. Espera-se que mesmo iniciativas isoladas, como a apresentada neste trabalho, se constituam em sementes de mudança de perspectivas, na medida em que levam ao público o conhecimento das oportunidades de acesso ao ensino superior, ou mesmo

incentivem cada indivíduo a construir e se apoderar da ideia de que todos podem, questionando-se, então, do porquê não poderia, ou não seria digno de uma vaga no ensino superior.

A desigualdade na educação produz desigualdades na renda, por meio das oportunidades de emprego e, assim, desigualdades na renda total do domicílio. Por outro lado, uma alta desigualdade de renda se traduz em oportunidades educacionais desiguais. A desigualdade de renda é, portanto, ao mesmo tempo, o resultado e a causa da desigualdade de oportunidades educacionais (WINKLER, 2010 apud ALMEIDA NETO, 2013, p. 61). Segundo Almeida Neto (2013) na América Latina o salário de um graduado é, em média, 4,5x maior que o de uma pessoa que não completou o primeiro ano da escola primária. No Brasil e no Chile, os efeitos do aumento da escolaridade no rendimento tendem a ser maiores, nos quais esse aumento representa cerca de 156%, o maior entre os países da América Latina, conforme os estudos da *Education at Glance 2011 - OECD Indicators*.

Ademais, acrescentamos que é preciso pensar além do acesso a melhores oportunidades de emprego e renda: o ingresso no ensino superior proporciona também mais oportunidades de desenvolvimento intelectual, pessoal e cultural.

Inseridos em um contexto de estratificação das oportunidades escolares, alunos oriundos de escolas públicas de estratos socioeconômico mais baixos, alvos deste estudo, demonstram desconhecimento em relação ao ingresso no ensino superior. O que mostra ser uma questão mais profunda do que “não querer cursar uma faculdade”, mas sim de desconhecimento das oportunidades existentes, de diferentes projetos de vida, de escassez ou inexistência de perspectivas quanto ao seu futuro escolar.

Neste sentido cabem alguns questionamentos, entre os quais, alguns dos quais buscaremos responder neste estudo:

Quando esses alunos deixaram de ter sonhos? É uma questão acima de tudo, sobre pertencimento. “Universidade não é lugar para pobre”, muitos escutam, então quem irá culpá-los? Os sonhos são podados assim que começam a surgir e a realidade vivida tende a destruí-los. Terminar o ensino médio, no máximo, para ajudar em casa. Não cair no mundo das drogas é uma vitória. Não engravidar antes do ensino médio é uma vitória. Vitórias não valorizadas em uma seleção de

vestibular que invisibiliza contextos e histórias de vida, segregando comunidades e sonhos. Contextos não valorizados pelo poder público e que geralmente não são alvos prioritários dos investimentos na educação básica. Essa realidade auxilia na reprodução de um ciclo de baixa escolaridade entre gerações, necessitando de um conjunto de esforços para interrompê-lo.

É necessário compreender o papel de cada ator nesse processo de construção de perspectivas e de projetos de vida. Qual a influência do professor para a construção de uma visão de futuro que ultrapasse os limites dos espaços vivenciados pelo aluno? Qual o papel da escola no aumento destas perspectivas? Como o entorno escolar pode afetar na qualidade das oportunidades as quais esse aluno tem acesso? E a família, segregada espacialmente e socialmente, o que pode fazer para mudar sua realidade? Por fim, onde está o poder público e o que pode ser feito para diminuir essas desigualdades?

Parafraseando Nestor Kaercher: Existe uma Geografia dos sonhos?

[Existe uma Geografia dos sonhos?

Quem pode sonhar com o que?]

1.3 Metodologia

Para aplicação desta pesquisa foi escolhida uma escola estadual de ensino médio, localizada na área periférica do bairro Mathias Velho, no município de Canoas-RS, a oeste da BR 116.

O público alvo foi definido a partir dos seguintes fatores:

- a) Sentimento de pertencimento ao lugar, escola e bairro, tendo a autora vivido a experiência como moradora, aluna e atualmente professora;
- b) Lugar de vivência estigmatizado pela violência e pobreza, em especial na sua área mais periférica;
- c) Baixa participação dos alunos em vestibulares, em especial das instituições públicas.

As etapas de organização deste trabalho são brevemente descritas a seguir:

- a) Revisão bibliográfica. Consistiu em pesquisa documental de autores e teorias que consideram o espaço como fator de influência na formação do cidadão, integrando aspectos culturais, sociais e familiares na análise. Também foram consultados documentos públicos oficiais sobre as modalidades de acesso ao ensino superior no Brasil.
- b) Análise do contexto socioespacial de inserção dos alunos. A primeira escala de análise considerada é o bairro de inserção da escola e, posteriormente, por meio da localização da moradia dos alunos, a análise foi concentrada na área atendida pela escola no bairro e nas características da própria escola. Para tal, utilizou-se mapas disponibilizados pela prefeitura municipal de Canoas, bem como dados demográficos para os setores censitários oriundos do IBGE, do Ministério da Cidadania e do INEP.
- c) Representação cartográfica. Por meio de Sistema de Informações Geográficas e de técnicas de Sensoriamento Remoto avaliou-se a espacialidade das questões socioeconômicas do local de inserção do público alvo da pesquisa.
- d) Elaboração e aplicação de entrevistas semi-estruturadas. Tal instrumento de pesquisa serviu para análise das perspectivas e do conhecimento sobre as possibilidades de acesso ao ensino superior e, posteriormente, realizou-se a transcrição e a sistematização das informações coletadas;
- e) Por fim, sucedeu-se a análise individual das entrevistas e dos dados sistematizados, avaliando-se a relação entre as variáveis coletadas e observadas durante a realização do trabalho.

1.4 Moradora, aluna, professora e autora

Por muito tempo pensei sobre o tema a ser tratado em meu trabalho de conclusão. Sempre pensei que deveria identificar-me com ele, a fim de dar o melhor de mim durante sua execução. Desde o meu ingresso no curso de Geografia minha forma de olhar para o mundo segue em constante mutação, em especial, sobre o espaço no qual vivi durante meu processo de escolarização, o bairro Mathias Velho, mais especificamente, a ocupação Getúlio Vargas. Com isso, levei alguns meses para conseguir delimitar bem o que queria tratar.

Pensando no lugar de onde venho, o “fundo da Mathias” como dizem, lugar dos pobres, do tráfico, da vila, me questionei o porquê de parte dos meus colegas terem deixado seus estudos tão cedo, de algumas amigas terem casado e engravidado na adolescência, e por quê a grande maioria deles não se interessou em entrar na universidade quando concluíram o ensino médio. Assim, procurei um modo para entender esse ciclo que parece insistir em se repetir entre os moradores deste lugar.

Durante minha escolarização, fui amparada por professores maravilhosos que tive o privilégio de conhecer, e pela minha melhor professora, minha mãe, que mesmo sem ensino médio na época, já demonstrava suas habilidades no ensino e sempre me auxiliou e cobrou o máximo de mim em cada etapa dos meus estudos, me aconselhando a buscar minha independência para “não depender de ninguém”, estudar para ter um bom trabalho e garantir meu futuro. Com isso, me agarrei à esperança de mudança de vida por meio da escola.

Apesar dos constantes estímulos dos professores que, muitas vezes também desconhecem os mecanismos de acesso às universidades, descobri o que era a UFRGS apenas no terceiro ano do ensino médio, quando entrei no curso pré-vestibular, com a intenção de ser aprovada no Enem. Infelizmente, poucas informações temos durante a educação básica sobre o ensino superior e as possibilidades após a conclusão do ensino médio. Ouvi de profissionais da educação

que muitos alunos “não merecem o esforço” ou, que sabe-se “quem vai dar em algo”. Essas falas sempre me causaram indignação.

Ingressei em um curso pré-vestibular, pago com o dinheiro do meu estágio de ensino médio. Nesse espaço conheci pessoas que, já com mais experiência no mundo acadêmico, puderam orientar-me e deram-me incentivo para não desistir dos meus objetivos. Mesmo quando eu e minha mãe duvidamos de que seria possível, já que universidade pública não é lugar para pobre (vejam só!), me formei no Ensino Médio, fiz o Enem, fiz o vestibular. A ousadia rendeu-me bolsas integrais pelo programa universidade para todos (Prouni) no curso de Geografia da ULBRA Canoas, da PUCRS e a aprovação no vestibular da UFRGS, como cotista de escola pública e baixa renda.

E essa foi com certeza uma das conquistas mais lindas da minha vida: chegar onde ninguém tinha chegado na minha família. E então minha conquista se tornou maior, minha mãe, que tinha voltado a estudar e concluído o ensino médio em 2011, também ingressou no ensino superior pelo Prouni, em 2015, para cursar Pedagogia. Quebramos nosso ciclo! Nos libertamos! Deixamos de ter como nosso único local de vivência o trajeto escola-casa-escola, para viver diferentes espaços, com diferentes pessoas, e conhecer oportunidades que nunca nos passaram pela cabeça a existência.

Digo-lhes: a educação mudou nossa vida, e isso só foi possível pois tive uma rede de apoio e de incentivo, familiar, escolar e de amigos.

Mas, minha questão motivadora é: “Por que meus amigos não estão aqui?”

Quantas vezes ouvi de ex-colegas “quanto tu paga na UFRGS?”, “é quase impossível entrar lá né?”, ou até mesmo “ouvi falar que na UFRGS os alunos vão até de terno, é só pra gente do dinheiro”. E um dos relatos que mais me entristeceu, “no ensino médio eu até queria ir pra UFRGS, mas eu pensava que lá não era lugar para mim”. Vi meus amigos desistirem dos seus sonhos por não terem autoestima, por não se sentirem pertencentes a esse espaço, por não terem apoio, além de não terem acesso a algo básico: a informação.

Quantas colegas vi engravidarem na adolescência, largarem a escola, casarem e viverem submissas ao marido, assim como suas mães, suas avós, mantendo o ciclo vicioso entre gerações. Quantos meninos da minha escola vi perderem a vida para o tráfico. Quantos mais terei que ver?

Hoje, entrando em sala de aula como professora, quase formada, vejo essa realidade se repetir com meus alunos. Por esta razão decidi realizar o meu estágio obrigatório na escola onde estudei parte do meu ensino médio, com a intenção de voltar ao local de onde venho, e cumprir o papel da professora do modo que eu gostaria que meus amigos tivessem conhecido. A proximidade e identificação gerada pela idade, e pelo mesmo espaço que ocupamos, facilita meu papel. Em apenas um dia de conversa com as turmas de segundo ano do Ensino Médio, tive a oportunidade de explicar aos alunos a existência de faculdades gratuitas e, vejam só - novamente, muitos não sabem da existência da universidade pública. O isolamento social mostra suas garras em diversas esferas, e os jovens segregados durante sua formação como cidadãos estão sob seus efeitos. Tomando consciência disso, passei a ser movida pelo desejo de fazer “algo mais” para mudar isso. Você não pode sentir falta do que não sabe existir, e eu quero que meus alunos, minha família, meus amigos e meus vizinhos saibam que eles podem chegar onde eles quiserem.

Ressalto que há conclusões que só podem ser obtidas a partir da vivência, do olhar humanizado para os resultados, da análise da trajetória de cada um e das angústias vividas por cada estudante que respondeu aos questionários aplicados. Assim, muitas informações apresentadas neste trabalho de conclusão são fruto da minha experiência de vida, como aluna, professora e moradora do bairro.

*[Acho que foi Deus que te mandou pra falar com a gente,
eu não fazia ideia que poderia fazer uma faculdade de graça.]*

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Fatores de influência no processo de escolarização

Diversos estudos têm sido realizados a fim de promover o entendimento quanto às relações da vulnerabilidade social e a distribuição e acesso desigual às oportunidades educacionais, demonstrando uma rede de fatores de influência como o acesso a bens culturais, quantidade e qualidade das oportunidades educacionais, o isolamento social, precário investimento na educação, que exercem influência nas trajetórias de escolarização de alunos em contextos vulneráveis.

Bourdieu (1998) em seus estudos voltados às escolas francesas, trata sobre as desigualdades enfrentadas na escolarização, devido às características culturais. As crianças advindas de famílias de menor capital cultural, encontram-se naturalmente em desvantagem em seu processo de escolarização, visto que não tiveram acesso ao capital cultural dominante e valorizado no meio escolar. A presença da família e dos professores é exemplificada como de grande importância na longevidade escolar de jovens de famílias populares: “o liceu não faz parte do universo concreto das famílias populares, e é necessária uma série contínua de sucessos excepcionais e conselhos do professor ou de algum membro da família para que se cogite enviar para lá a criança”.

Além disso, as atitudes que as crianças terão frente à instituição escola terá relação com o sistema de valores implícitos ou explícitos recebidos pela sua classe social, conforme exposto pelo autor

“os objetivos das famílias”, escrevem Alain Girard e Henri Bastide, “reproduzem de alguma maneira a estratificação social, aliás tal como ela se encontra nos diversos tipos de ensino. Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas, que **excluem a possibilidade de desejar o impossível**. (BOURDIEU, 1998, p. 47)

É importante também destacar a influência dos pares, geralmente homogêneos em meios segregados, de acordo com o local de escolarização do indivíduo, que tendem a reforçar a influência do meio familiar e do contexto social que

tendem a desencorajar ambições percebidas como desmedidas e sempre mais ou menos suspeitas de renegar as origens. Assim, tudo concorre para conclamar aqueles que, como se diz, “**não têm futuro**”, a terem esperanças “razoáveis”, ou, como diz Lewin, “realistas”, ou seja, muito frequentemente, a **renunciarem à esperança**. (BOURDIEU, 1998, p. 50)

O trabalho de Flores (2008), realizado em escolas de diferentes bairros da cidade de Santiago, Chile, buscou compreender a influência da concentração da pobreza nos resultados educacionais das crianças. Para a referida autora, necessita-se para o entendimento do problema dos efeitos da concentração da pobreza “levar em conta tanto a disponibilidade de oportunidades quanto a maneira com que os indivíduos enfrentam essas oportunidades”. Sendo assim, faz uso de dois esforços teóricos: a teoria dos efeitos de bairro e o enfoque de ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades (AVEO). O efeito de bairro, segundo Flores, dá-se por meio de três mecanismos presentes na comunidade: o primeiro é o de controle ou eficácia normativa, representado pelo grau de consenso da comunidade quanto às normas e a supervisão das crianças, o segundo refere-se às fontes de informação, ou seja, a influência das informações as quais as crianças estão expostas em sua comunidade. O terceiro fator diz respeito à estrutura de oportunidades locais, especificamente dois fatores: o primeiro trata sobre a qualidade das escolas, recursos disponíveis e capacidade de gestão e, o segundo, sobre as expectativas que os adultos pertencentes às instituições têm sobre seus alunos. Este último caso é exemplificado por Flores (2008) da seguinte forma:

Por exemplo, crianças pobres em áreas segregadas **podem ser consideradas inaptas para a educação universitária e serão, portanto, socializadas como tal**, enquanto que crianças em bairros mistos ou integrais serão pressionadas, já que as oportunidades disponíveis e as probabilidades de sucesso merecem o esforço. (FLORES, 2008, p. 152)

Quanto ao enfoque AVEO, Flores (2008) considera como ativos o subconjunto dos recursos os quais “permitem à família aproveitar as oportunidades

disponíveis em um determinado momento e espaço, para melhorar o bem-estar no futuro”.

O enfoque de ativos coloca a família em um lugar fundamental na análise dos efeitos da segregação residencial sobre os resultados educacionais. A família fornece os ambientes, tanto físico como cultural, nos quais as crianças devem desenvolver os conteúdos aprendidos na escola, permitindo que os ativos sejam transmitidos de uma geração a outra. Isto é, se a escola transmite ativos às crianças, e se os ativos que a família transmite não correspondem aos primeiros, a primeira via perde seu efeito. Além do mais, a família processa os mecanismos de socialização dominantes no bairro na medida em que (ao transmitir o ativo correspondente às redes), expõe ou protege seus membros menores das redes dos bairros. (FLORES, 2008, p. 157)

De encontro à teoria dos efeitos de bairro, tem-se também o conceito de Geografia de oportunidades proposto por Galster e Killen (1995), que traz em si a conexão dos mecanismos descritos pelo efeito de bairro, com o poder de agência humana, “relacionando o processo de tomada de decisões com o contexto geográfico dos indivíduos” (Flores, 2008). Este conceito esclarece que, tanto a geografia objetiva de oportunidades, quanto a geografia subjetiva de oportunidades, variam geograficamente, tratando ainda sobre a importância das redes sociais locais para as percepções subjetivas dos indivíduos.

Essa hipótese diz que existem variações tanto objetivas como subjetivas associadas ao processo de tomada de decisões e às restrições que o espaço coloca. A “geografia objetiva de oportunidades”, isto é, a estrutura, qualidade e o acesso às oportunidades (sistemas sociais, mercados e instituições), varia entre uma região e outra. Ao mesmo tempo, a “geografia subjetiva de oportunidades” (os valores, anseios, preferências e percepções subjetivas acerca das oportunidades e dos potenciais resultados da tomada de decisões), também variam geograficamente. (FLORES, 2008, p. 153)

Conforme proposto pela autora, a união das três teorias (efeito de bairro, geografia de oportunidades e enfoque AVEO) permite uma visão mais abrangente, na qual considera-se, além da concentração espacial da pobreza, o poder de agência humana e a estrutura de oportunidades.

A concentração espacial da pobreza gera tanto na comunidade externa quanto nos moradores um estigma relacionado ao espaço e às pessoas nele contidas, em consequência, isso pode influenciá-las tanto positiva quanto negativamente em sua tomada de decisões

O estigma, seja real ou imaginado pelos moradores de um bairro, pode diminuir a autoestima dos indivíduos, o que afeta diretamente o filtro de percepção de oportunidades. **A tendência de uma pessoa com menor auto-estima é pensar que as oportunidades são muito mais inatingíveis do que uma pessoa que dispõe de uma melhor percepção de suas próprias habilidades.** Por outro lado, é de se esperar que em contextos segregados, as oportunidades disponíveis sejam menores tanto no tocante à quantidade quanto à qualidade. A disponibilidade objetiva de oportunidades, além de determinar os mecanismos de socialização coletiva, estabelece os parâmetros para a formação do filtro de percepção dos sujeitos. (FLORES, 2008, p. 159-160)

Em seus resultados, a autora percebeu a existência de forma direta e/ou indireta da influência do bairro nos resultados individuais das crianças. Revelando, ainda,, que o maior fator de influência nas notas das crianças foi a escolaridade dos adultos da família, a renda domiciliar e a expectativa dos pais quanto ao futuro escolar dos filhos. Quanto às variáveis referentes à escola, houve uma grande correlação entre a expectativa dos professores quanto ao acesso da criança ao ensino superior e as notas dos alunos na prova.

Por fim, a autora conclui que a escola exerce forte importância como fator de resistência às desvantagens: a concentração espacial da pobreza é negativa para o desempenho escolar das crianças. Porém, moradores de contextos segregados não estão fadados a terem menores resultados educacionais. Os indivíduos, auxiliados pelas escolas, podem resistir ao efeito negativo do bairro, acumulando os ativos necessários para aproveitar as oportunidades por elas oferecidas. (FLORES, 2008, p.175-176)

Ben Ayed e Broccolichi (2008) destacam a mudança de perspectiva em relação às desigualdades escolares, alterando-se o foco até então tido nos fatores sociais, voltando-se a atenção aos fatores espaciais, sendo crescente a tendência de “espacializar os problemas educacionais e sociais”. Neste trabalho, os referidos autores desenvolveram a hipótese de que o aumento dos riscos de ruptura das condições de escolarização reduzem as chances de acesso ao conhecimento escolar e amplificam as desigualdades em contextos urbanos caracterizados pelo desenvolvimento de processos segregativos, para isso considerando hipóteses relacionadas às redes sociais, às normas locais, à ação coletiva e às políticas territoriais. Em conclusão, os autores afirmam

compreender as desigualdades socioespaciais da educação e trabalhar para reduzi-las supõe a construção de dados que apreendam em sua complexidade as **relações de interdependência entre a dinâmica escolar e a dinâmica espacial** (demográfica, urbana e social). [...] a dinâmica local costuma ter pouco peso, quando as políticas nacionais de educação continuam, de fato, a impor a lógica da competição entre as famílias e entre as escolas, como as novas doxas escolares. (BEN AYED E BROCCOLICHI, 2008, p. 66)

2.2 Modalidades de acesso ao ensino superior

Canoas é um município com diversas Instituições de Ensino Superior (IES), contando com instituições tradicionais como a Universidade La Salle, com fundação no ano de 1972 pelos irmãos Lasallistas, a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) inaugurada também no ano de 1972 e o Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), instituições populares entre os estudantes do município.

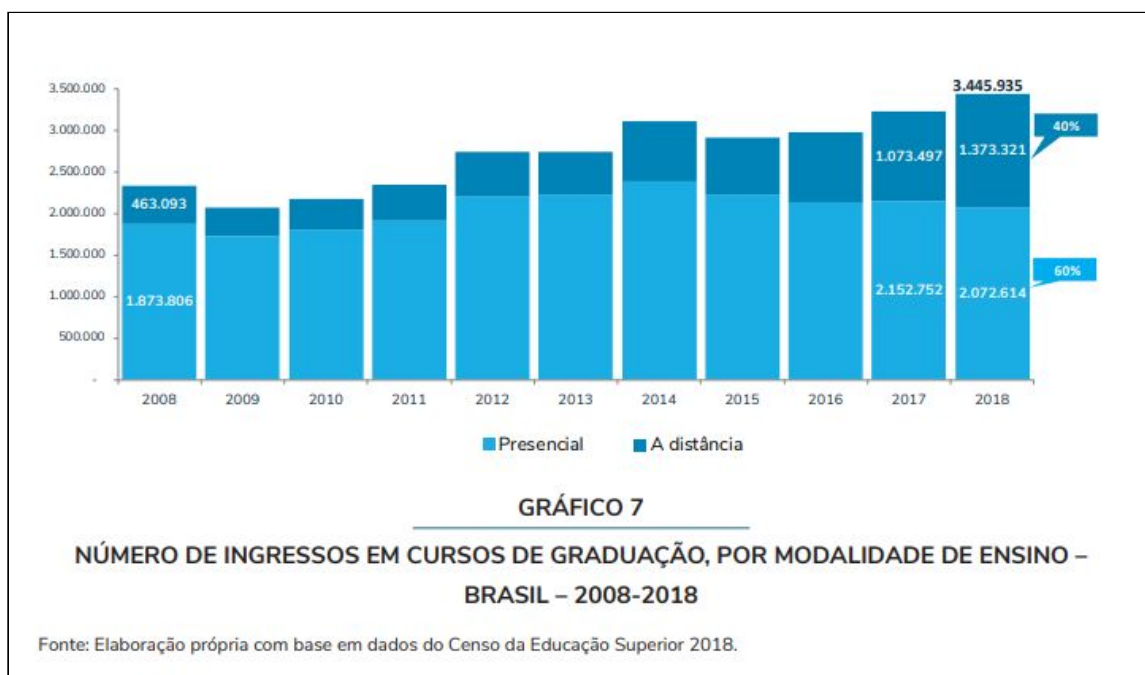
Nos últimos anos, fazendo jus à tendência nacional, houve expansão do número de pólos de IES com cursos de Educação à Distância (EAD) e semipresenciais, ou seja, tais instituições permitem ao estudante cursar o ensino superior totalmente a distância, ou com encontros presenciais esporádicos. Entre 2008 e 2018, no Brasil, o número de ingressos em cursos de graduação na modalidade EAD passou de 463.093 para 1.373.321, um crescimento de cerca de 296,5%. Enquanto na modalidade presencial, o crescimento foi de cerca de 110,6% (INEP, 2018). Essa realidade é apresentada na figura 1.

No ano de 2008 foi inaugurada a primeira instituição federal no município, o Instituto Federal de Educação, que oferece cursos técnicos concomitantes e subsequentes ao Ensino Médio, bem como cursos de nível superior gratuitos.

Apesar do número de IES no município, elas estão concentradas nos bairros centrais, ou em bairros de maior poder aquisitivo, como os bairros Igara e Centro, localizados no outro lado da cidade, o lado Leste, isolados pela linha da trensub e pela BR 116 que dividem a cidade ao meio. Outra opção para os estudantes canoenses são as instituições na região metropolitana, de acesso facilitado pela

integração proporcionada pela Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre (TRENSURB). Muitos moradores de Canoas trabalham e estudam na capital, Porto Alegre, que conta com com diversas IES públicas, entre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e dois Institutos Federais. Apesar dessas opções, é necessário destacar que a distância, o preço da passagem e a falta de segurança para alunos trabalhadores que necessitam estudar no turno da noite, ainda exerce grande influência no momento de decisão quanto ao ingresso em um curso presencial.

Figura 1 - Número de ingressos em cursos de graduação, por modalidade de ensino - Brasil - 2008-2018.



Fonte: INEP (2019)

A seguir são apresentadas as diferentes políticas de acesso ao ensino superior no Brasil, propiciando um breve panorama sobre o funcionamento e histórico do programa.

2.2.1 Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)

Segundo o INEP (2019), o Exame Nacional do Ensino Médio foi criado no ano de 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos discentes ao término da Educação Básica. Além de sua função básica, o programa passou a servir como meio de ingresso às instituições de ensino superior, sendo aderido, já no ano de 1998, por 93 IES.

No ano de 2004, os resultados obtidos pelos estudantes no exame passaram a ser utilizadas no Programa Universidade Para Todos, tendo naquele ano cerca de 1.552.316 inscritos. Em 2005, o número de participantes do exame subiu para mais de 3 milhões de candidatos. Destes, 67% declararam buscar o ingresso na Educação Superior com a nota. No ano de 2006, 53,7% dos participantes possuíam renda familiar de até dois salários mínimos, demonstrando a ampliação e o alcance do programa, que naquele mesmo ano foi realizado em 804 municípios. Após 10 anos de aplicação, o exame passou a ser utilizado como o processo nacional para ingresso nas IES e, também, para a certificação do Ensino Médio. Foram 4 milhões de inscritos e, destes, 70% pretendiam utilizar sua nota da prova para ingressar no ensino superior.

No ano de 2009, o Enem passa a ser utilizado para o novo programa de acesso às universidades públicas, o Sistema de Seleção Unificada (SISU) e, em 2010, é utilizado como pré-requisito para o programa de Financiamento Estudantil (FIES). Em 2013, o Enem já era uma modalidade de acesso para quase todas as IES públicas e, em 2014, universidades portuguesas, como a Universidade de Coimbra e Algarve, passaram a aceitar o exame em seus processos seletivos para estudantes brasileiros. Atualmente esse número foi ampliado para 35 IES portuguesas.

Desde 2012 o Enem possui isenção na taxa de inscrição para membros de famílias com renda de até meio salário mínimo por pessoa ou renda familiar mensal de até três salários mínimos, de acordo com o Decreto 6135/2007.

No ano de 2016 registrou-se o maior número de inscrições desde a criação do Exame: foram cerca de 8,6 milhões de inscritos. Para a edição de 2019 eram 5,1 milhões de inscritos. Atualmente o exame não certifica mais o Ensino Médio, contudo segue sendo amplamente utilizado pelos estudantes como forma de acesso ao ensino superior, tanto em instituições públicas quanto nas instituições privadas. Segundo o Censo da Educação Superior (INEP, 2018), no ano de 2017 623.299 estudantes ingressaram no ensino superior por meio do Enem, sendo 259.302 em instituições públicas e, 363.997 em instituições privadas (Tabela 1).

A prova atualmente é realizada em dois domingos, composta por uma redação, com seu tema divulgado apenas no momento da prova, e por 180 questões objetivas distribuídas por áreas do conhecimento, são elas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e Matemática e suas Tecnologias.

Tabela 1 - Formas de ingresso ao ensino superior no ano de 2017.

Unidade da Federação / Categoria Administrativa	Total Geral por Forma de Ingresso											Ingresso Total	Processo Seletivo
	Ingresso Total (a+b+c+d)	Processo Seletivo (a)	Seleção para Vagas Novas					Seleção para vagas de programas especiais (b)	Seleção para vagas remanescentes ©	Outras Formas de Ingresso (d)			
			Vestibular	Enem	Avaliação Seriado	Seleção Simplificada	Egressos BI/LI						
Brasil	2.152.752	1.876.626	1.284.062	623.299	11.665	123.811	3.049	1.726	267.966	6.434	980.981	848.628	
Pública	502.621	456.947	184.002	259.302	11.391	7.550	3.049	1.192	42.246	2.236	393.805	355.113	
Federal	329.560	298.151	52.976	232.881	8.816	5.709	3.049	954	28.752	1.703	266.557	239.589	
Estadual	146.591	135.469	108.915	25.803	2.575	1.242	-	238	10.430	454	117.448	107.485	
Municipal	26.470	23.327	22.111	618	-	599	-	-	3.064	79	9.800	8.039	
Privada	1.650.131	1.419.679	1.100.060	363.997	274	116.261	-	534	225.720	4.198	587.176	493.515	
Rio Grande do Sul	117.800	92.594	57.584	34.861	1.003	3.436	15	138	24.812	256	69.772	53.531	
Pública	30.465	26.142	6.887	19.326	991	377	15	100	4.008	215	25.837	22.009	
Federal	28.801	24.744	6.887	17.928	991	377	15	100	3.742	215	24.173	20.611	
Estadual	1.664	1.398	-	1.398	-	-	-	-	266	-	1.664	1.398	
Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Privada	87.335	66.452	50.697	15.535	12	3.059	-	38	20.804	41	43.935	31.522	

Fonte: Brasil (2018)

2.2.2 Programa Universidade Para Todos (PROUNI)

O Programa Universidade Para Todos (Prouni), criado pela Lei federal de nº 11.096/2005 (BRASIL, 2005), institui a concessão de bolsas de estudo parciais e

integrais para estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em IES privadas. As referidas bolsas são destinadas a estudantes brasileiros que ingressam na sua primeira formação superior, tenham realizado seu ensino médio completo em escolas públicas ou, com bolsa integral, em escolas particulares, advindos de famílias cuja renda familiar mensal seja de até um salário mínimo e meio per capita. Para candidatos com renda familiar mensal per capita de até três salários mínimos, as bolsas de estudos são concedidas parcialmente, sendo de 50% ou de 25%. Os candidatos ao Prouni são pré-selecionados de acordo com seu desempenho e seu perfil socioeconômico do Enem, podendo então candidatar-se às vagas disponíveis nas IES privadas.

Além do ingresso, o programa oferece aos candidatos selecionados para bolsas integrais a possibilidade de obterem uma bolsa permanência, auxílio com valor aproximado de R\$400,00, voltado aos estudantes com vulnerabilidade socioeconômica comprovada.

No ano de 2018, de acordo com MEC (2019), o Prouni ofereceu cerca de 417.276 bolsas de estudo, sendo dessas 182.747 integrais e, 234.529 parciais. Em 2016 obteve seu maior número de inscrições: foram 1.599.808 inscritos para o primeiro semestre do ano. Em 2018, contabilizou-se 1.266.941 inscritos no primeiro semestre e 469.052 inscritos no segundo semestre. É frequente a redução do número de inscritos no segundo semestre de cada ano.

Uma breve análise do perfil do perfil dos bolsistas selecionados revela que entre o segundo semestre de 2005 e o ano de 2018, 54% dos bolsistas são do sexo feminino e 46% do sexo masculino. Quanto à raça, são 43,5% branca, 41,1% parda, 12,6% preta, 1,8% amarela e, 0,1% indígena. Ainda, são 17.706 bolsistas selecionados com algum tipo de deficiência, representando 1% do público atendido (MEC, 2019).

2.2.3 Sistema de Seleção Unificada (SISU)

Regido pela Portaria Normativa Nº 21, de 5 de novembro de 2012 (MEC, 2012), o Sistema de Seleção Unificada é um sistema informatizado do Ministério da Educação que seleciona estudantes a vagas de graduação presencial em instituições públicas de ensino superior, baseando esta seleção nos resultados obtidos pelos estudantes no Enem. O processo seletivo possui reserva de vagas de acordo com o disposto na Lei Federal nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, quando se tratam de instituições federais (MEC, 2019).

Uma das grandes vantagens do SISU é a possibilidade dos estudantes poderem candidatar-se às instituições públicas de ensino de outros estados, sem a necessidade de se deslocarem para prestar as provas de seleção.

2.2.4 Fundo de Financiamento Estudantil (FIES)

O Fundo de Financiamento Estudantil, instituído pela Lei Federal Nº 10.260, de 12 de julho de 2001, tem o intuito de destinar financiamentos de até 100% dos encargos educacionais a estudantes de cursos superiores não gratuitos, com possuam avaliações positivas nos processos de avaliação realizados pelo Ministério da Educação. São alvos deste programa estudantes de cursos da educação profissional, técnica e tecnológica, além de estudantes de mestrado e doutorado, sendo prioritariamente atendidos aqueles que não possuem diploma no ensino superior e ainda não tenham sido beneficiados pelo financiamento estudantil.

Para financiamentos com juros zero, a renda per capita domiciliar deve ser de até 3 salários mínimos, nestes casos, as prestações serão pagas pelo estudante após a conclusão do curso, respeitarão o limite de renda do mesmo. Essa modalidade de financiamento é operada pela Caixa Econômica Federal.

Para os demais financiamentos, regidos pelo P-Fies, o limite de renda é de até 5 salários mínimos per capita, operando com recursos de fundos constitucionais e de desenvolvimento , e com recursos de bancos privados.

Para solicitar o financiamento o aluno deve ter realizado o Enem a partir do ano de 2010 e ter obtido a nota mínima de 450 pontos, e não ter obtido nota zero na prova de redação. Após a conclusão do curso, o beneficiário possui carência de dezoito meses para iniciar o pagamento do financiamento.

2.2.5 Ações Afirmativas

A Lei nº 12711, de 29 de agosto de 2012, regulamentada pelo Decreto nº 7824 de 11 de outubro de 2012, dispõe sobre o ingresso nas universidades e instituições federais de ensino técnico de nível médio, garantindo a reserva de 50% das vagas por curso e turno a alunos que cursaram o ensino médio completo em instituições públicas de ensino.

Dentro deste percentual de reserva, no mínimo 50% serão reservadas a candidatos com renda familiar bruta de até um salário mínimo e meio per capita. Entre o público com renda superior a um salário mínimo e meio, e o público com renda inferior a este, será garantida a reserva de vagas a estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas e a pessoas com deficiência. Essa reserva será realizada em proporção respectiva de pretos, pardos indígenas e pessoas com deficiência, referente à unidade da Federação da instituição, conforme dados disponibilizados pelo último censo do IBGE.

A lei de cotas é aplicada tanto para os vestibulares das instituições, quanto aos processos seletivos realizados pelo Sisu. Se constituindo como uma importante ferramenta de inclusão das minorias nas instituições federais de ensino, apesar de ser constantemente alvo de discussões polarizadas quanto à sua validade.

3. ESTUDO DE CASO: QUEM SÃO, ONDE ESTÃO E AONDE QUEREM CHEGAR

Neste capítulo serão brevemente analisadas as condições disponíveis no meio escolar em que os alunos estão inseridos, como as condições de trabalho dos professores, índices de aprovação e reprovação, relação entre área de formação e atuação dos professores, entre outras variáveis. Ademais, serão também trabalhadas as características socioespaciais da área de inserção do público atendido pela escola, iniciando tendo uma visão mais abrangente do bairro perante a cidade, tendo como base dados disponibilizados pela Prefeitura de Canoas e, posteriormente, aproximando nossa escala de análise do recorte espacial delimitado pelas residências dos alunos entrevistados para ter uma maior precisão dos dados.

3.1 O contexto escolar

O caso selecionado para estudo refere-se a uma escola da rede estadual de ensino, localizada na área mais periférica do bairro Mathias Velho, na qual há tendência de possuir um público mais homogêneo, atendendo, majoritariamente, aos jovens da área delimitada. Em acordo com a direção, optou-se por não informar o nome e o endereço da escola.

Os dados da escola, disponibilizados pelo INEP, trazem à tona aspectos da realidade escolar no bairro. Conforme os dados do IDEB para o ano de 2017, o índice do esforço docente (percentual de docentes cujo esforço para o exercício da profissão é considerado elevado) era de 12,5% para os docentes atuantes no ensino fundamental e de 11,1% para docentes atuantes no ensino médio. A média de alunos por turma nos anos iniciais é de 27,2 alunos e, nos anos finais é de 33,5 e no ensino médio 39,8 (INEP, 2017).

Na escola em questão, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, 80% das disciplinas são ministradas por professores sem formação superior; 23% das disciplinas nos anos finais do ensino fundamental são ministradas por professores com formação superior de licenciatura ou bacharelado com complementação

pedagógica em área diferente daquela que leciona; neste mesmo nível, 10,8% das disciplinas são ministradas por professores sem formação superior. Já no ensino médio, 57,1% dos professores tem formação na mesma área de atuação atuam, 13,2% dos docentes possuem licenciatura em área diferente daquela que lecionam e, 25,3% dos docentes neste nível de ensino não possuem curso superior completo (INEP, 2017).

A taxa de aprovação nos anos finais do ensino fundamental no ano de 2017 foram de 56,8%, 41,3%, 60,7% e 72,3% para o 6º, 7º, 8º e 9º ano, respectivamente. Já no ensino médio, as taxas de aprovação para o mesmo ano foram de 59,5% para o primeiro ano, para o segundo foram de 56,4% e, para o terceiro ano do ensino médio, 79,6% (INEP, 2017).

Em nível municipal, os dados disponíveis no Estado da Cidade de Canoas (Prefeitura Municipal de Canoas, 2015) revelam a maior taxa de abandono escolar no ensino médio na rede estadual de ensino dentre todas redes, tendo apresentado no ano de 2012 a taxa de 17%, no ano de 2013 15% e, em 2014, 10,3% de abandono. Ainda, é possível constatar a discrepância na taxa de distorção Idade-Série no ensino médio, nas diferentes redes de ensino. No ano de 2014, a rede estadual de ensino apresentou taxa de 41,7%, enquanto que a rede federal obteve 6,9% e a rede privada 5,2%.

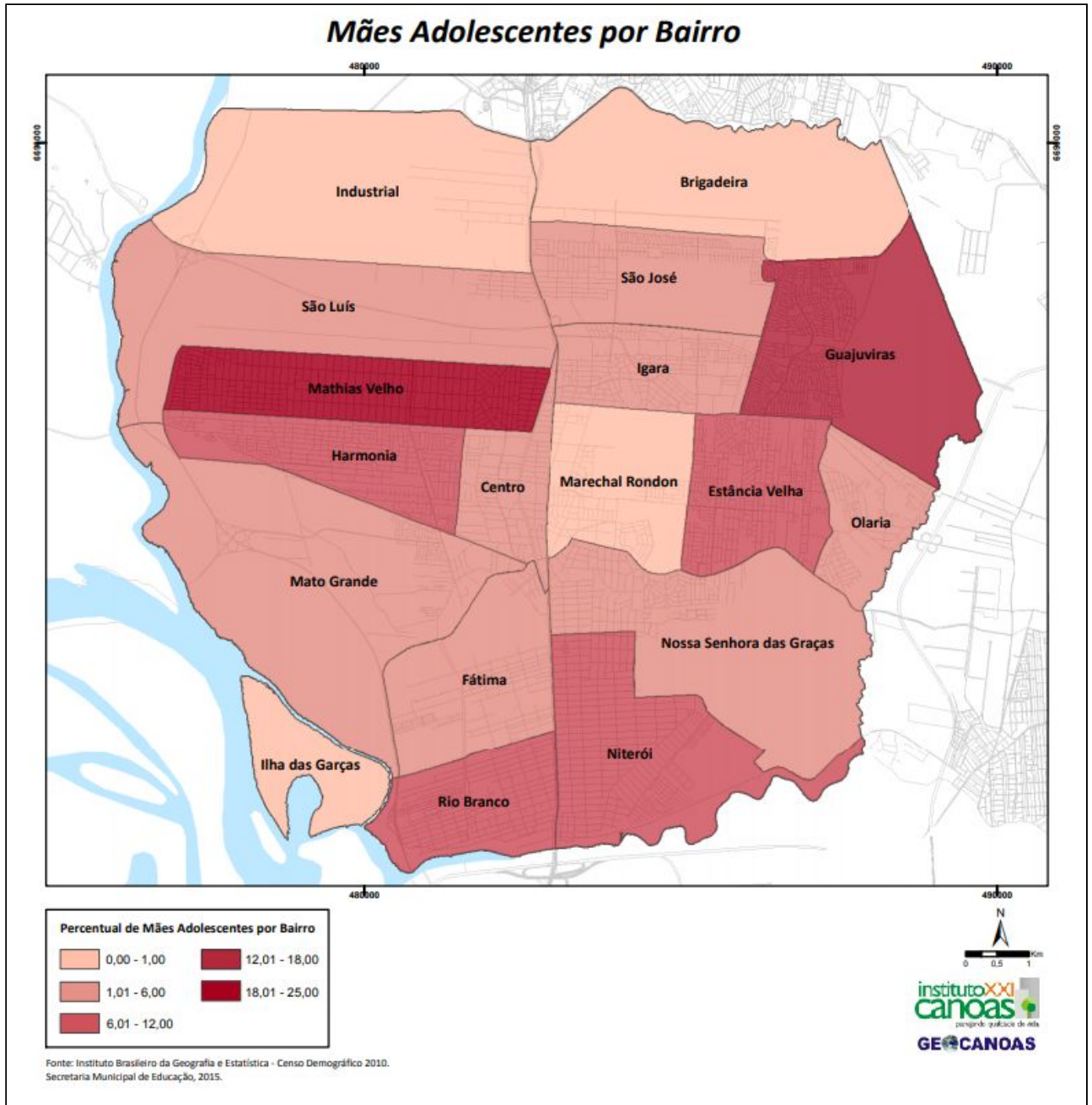
É necessário também destacar a importância das ações do estado quanto à infraestrutura e recursos humanos disponíveis nas escolas segregadas. A infraestrutura, por vezes, é inadequada e sua manutenção escassa, prejudicando a oferta de um ambiente completamente adequado para o fim a que se destina. A falta de professores é recorrente, o atraso de salários adoece e desmotiva os docentes contratados em um regime de trabalho que desvaloriza os profissionais da educação. Além disso, as poucas bibliotecas existentes no bairro, estão localizadas dentro das escolas, muitas vezes estão inacessíveis até mesmo para os alunos, em razão da ausência de profissionais qualificados para o atuação nas mesmas, impedindo à comunidade escolar ter acesso aos bens básicos da educação.

3.2 Aspectos socioespaciais da área de inserção

O Bairro Mathias Velho possui população de aproximadamente 48.806 habitantes, tem seu território densamente ocupado, com densidade demográfica de 8.120,80 hab/km² (IBGE, 2010), e é, historicamente, conhecido por ser um bairro de população vulnerável. O fato de localizar-se em sua completude na planície de inundação do Rio dos Sinos, até a construção do dique de contenção de enchentes, na década de 60, levava à desvalorização da área por suas inundações periódicas. Documentos históricos mostram que durante a ocupação do local, em comparação aos demais bairros, as condições exigidas para adquirir um terreno no loteamento da então chamada Vila Mathias Velho eram baixíssimas, sendo ocupado por pessoas de origem muito simples (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000).

As desigualdades do bairro perante aos demais espaços do município podem ser visualizados por meio de alguns indicadores disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Canoas. Conforme dados do Estado da Cidade do ano de 2016 (Prefeitura de Canoas, 2016), o bairro Mathias Velho possui o maior percentual de mães adolescentes por bairro no município, ou seja, entre 18 e 25% (Figura 2).

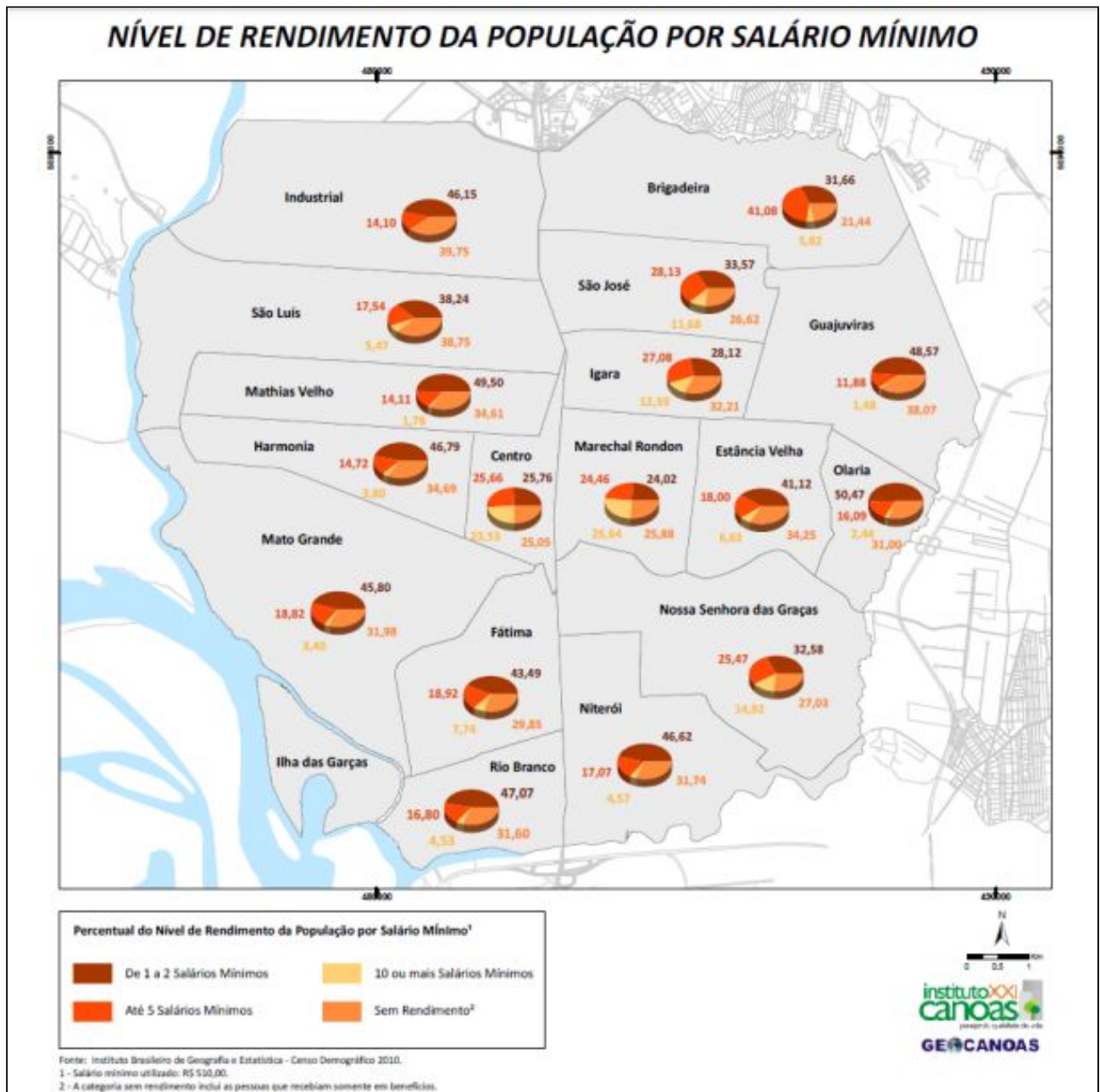
Figura 2 - Percentual de mães adolescentes por bairro.



Fonte: Prefeitura de Canoas (2016)

Quanto ao nível de rendimento da população do bairro, 49,5% da população recebe de 1 a 2 salários mínimos e, 34,6% classifica-se como sem rendimento (Figura 3).

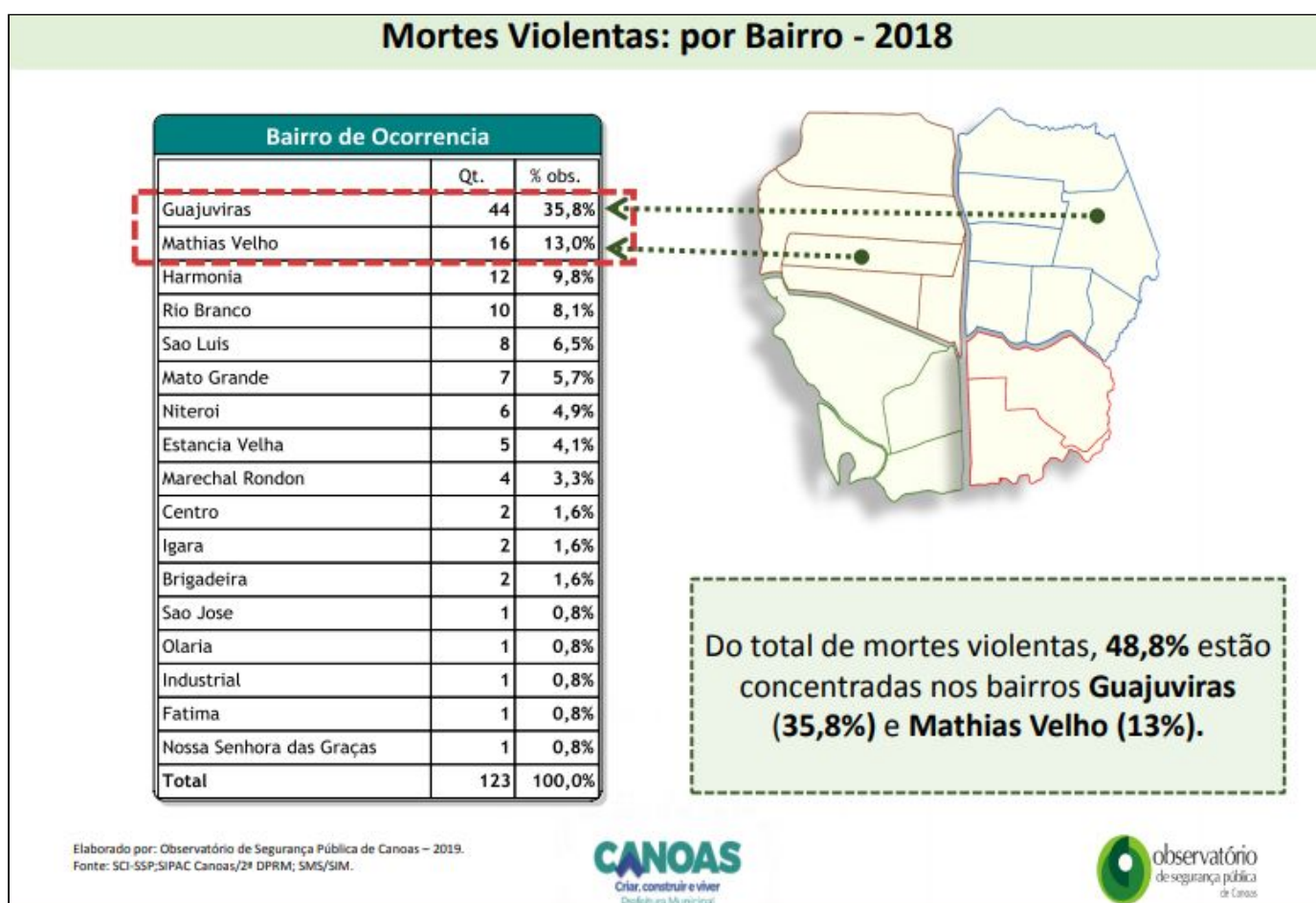
Figura 3 - Percentual do nível de rendimento da população por salário mínimo.



Fonte: Prefeitura de Canoas (2016)

Conforme dados do Observatório de Segurança Pública de Canoas, no ano de 2018 o bairro Mathias Velho obteve o segundo maior número de mortes violentas no município, estando a sua frente apenas o bairro Guajuviras (Figura 4). Nessa figura percebe-se uma visão sobre o bairro como o segundo mais violento da cidade, apesar de os número mostrarem que há uma grande discrepância entre o primeiro maior índice e o segundo. Enquanto os 13% de mortes violentas registrado no Mathias Velho estão muito mais próximos aos índices que lhe sucedem, referentes aos bairros Harmonia e Rio Branco, ele segue sendo tratado como destaque negativo neste indicador.

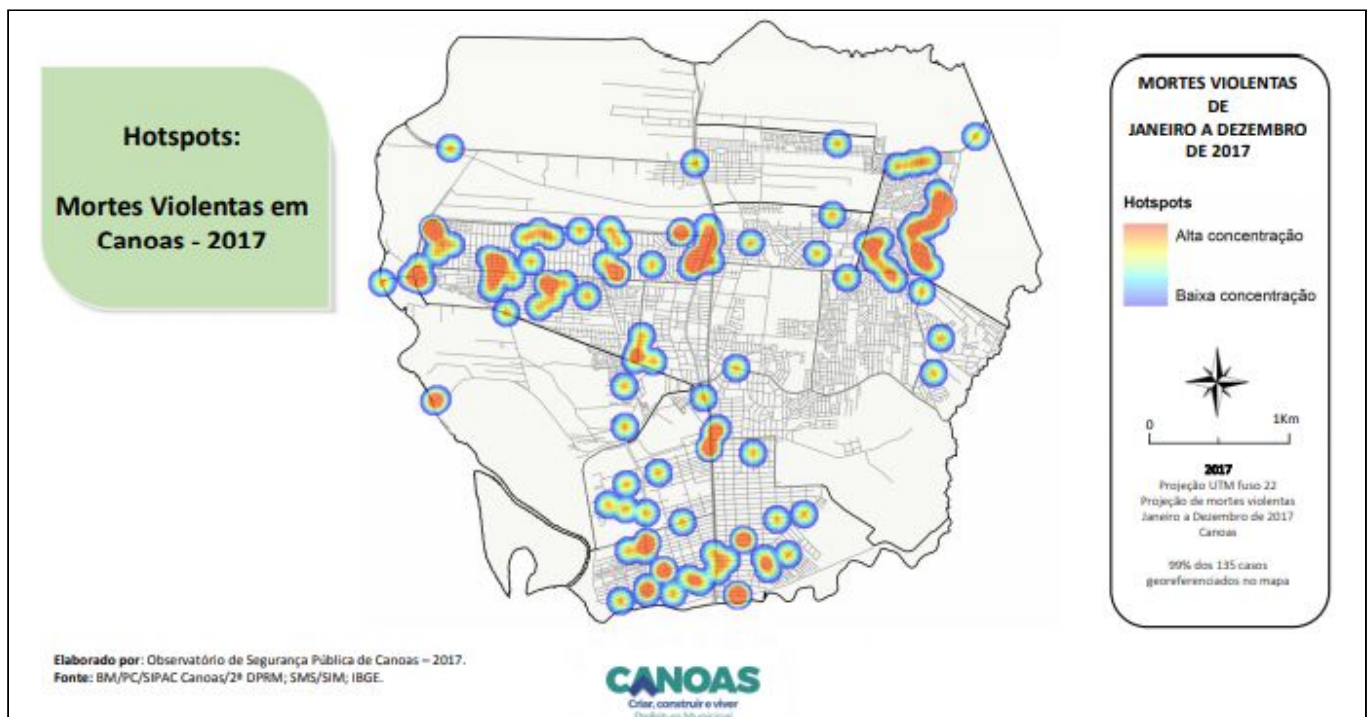
Figura 4 - Número e percentual de mortes violentas por bairro no ano de 2018.



Fonte: Prefeitura de Canoas (2019)

O mapa de Hotspots disponível para o ano de 2017 (Figura 5) permite visualizar as áreas de concentração das mortes violentas no município, no qual podemos verificar a presença de alguns hotspots distribuídos ao longo do bairro.

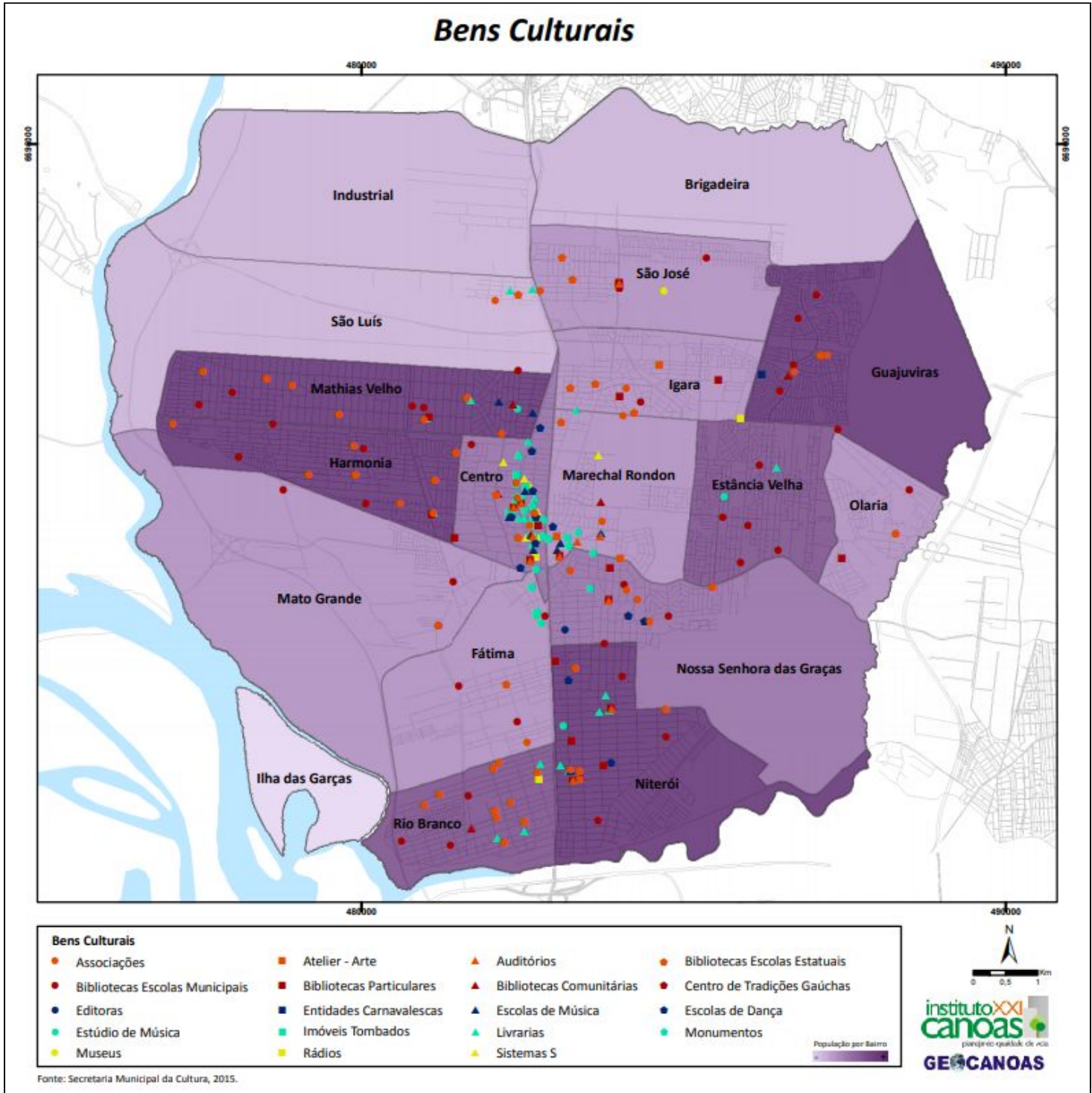
Figura 5 - Hotspots: mortes violentas em canoas no ano de 2017.



Fonte: Prefeitura de Canoas (2017)

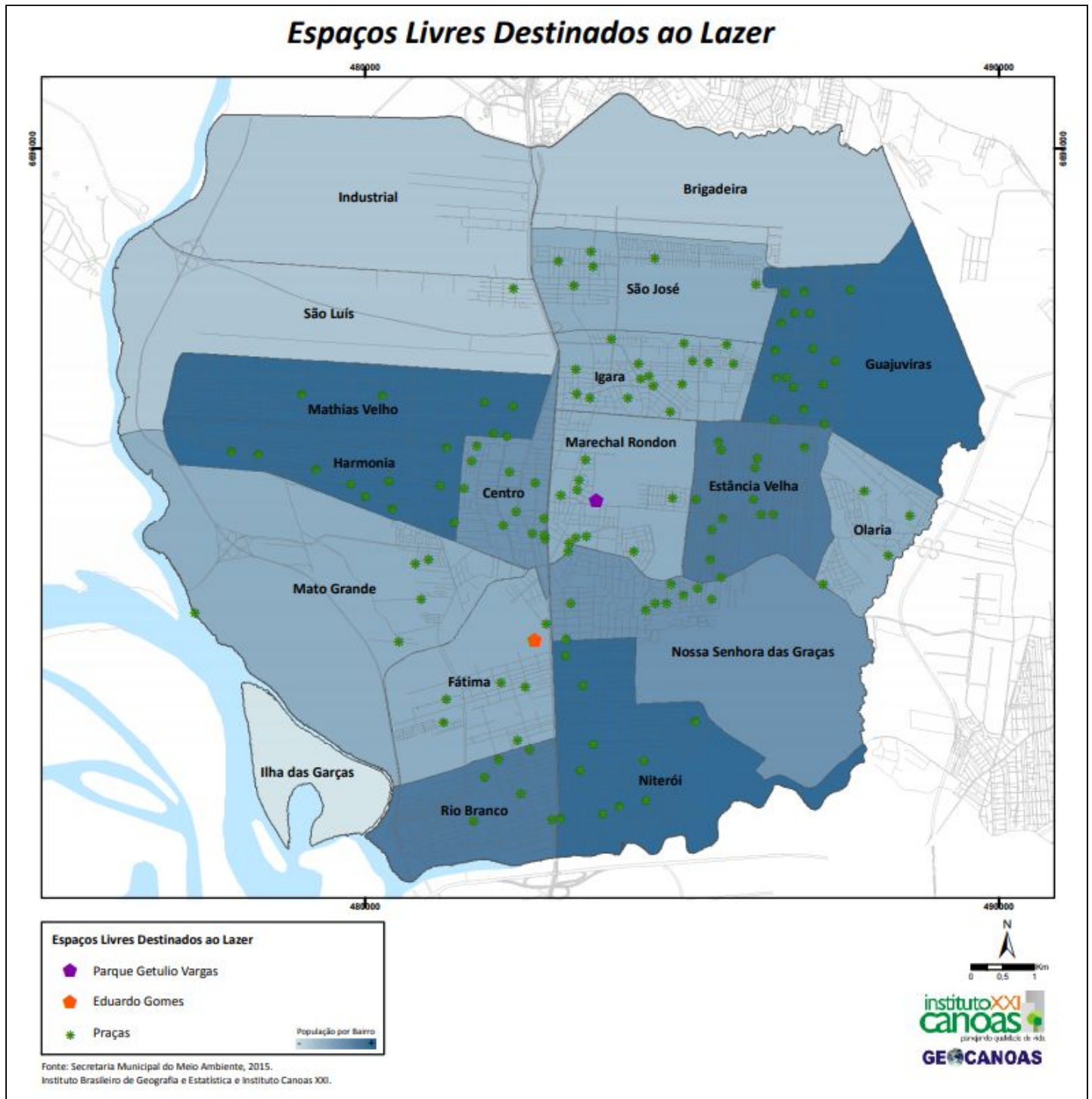
A concentração de bens culturais no município ocorre no eixo Sul-Norte, existindo a escassez nos bairros periféricos (Figura 6). Na metade Oeste do bairro Mathias Velho têm-se como bens culturais apenas associações de moradores e as bibliotecas das escolas municipais e estaduais, muitas vezes, fechadas até mesmo para os alunos por falta de recursos humanos nas escolas. Ainda, no bairro há poucos espaços livres destinados ao lazer (Figura 7), principalmente devido à sua densa forma de ocupação (Prefeitura de Canoas, 2015).

Figura 6 - Distribuição espacial dos bens culturais municipais.



Fonte: Prefeitura de Canoas (2015)

Figura 7 - Localização dos espaços livres destinados ao lazer.

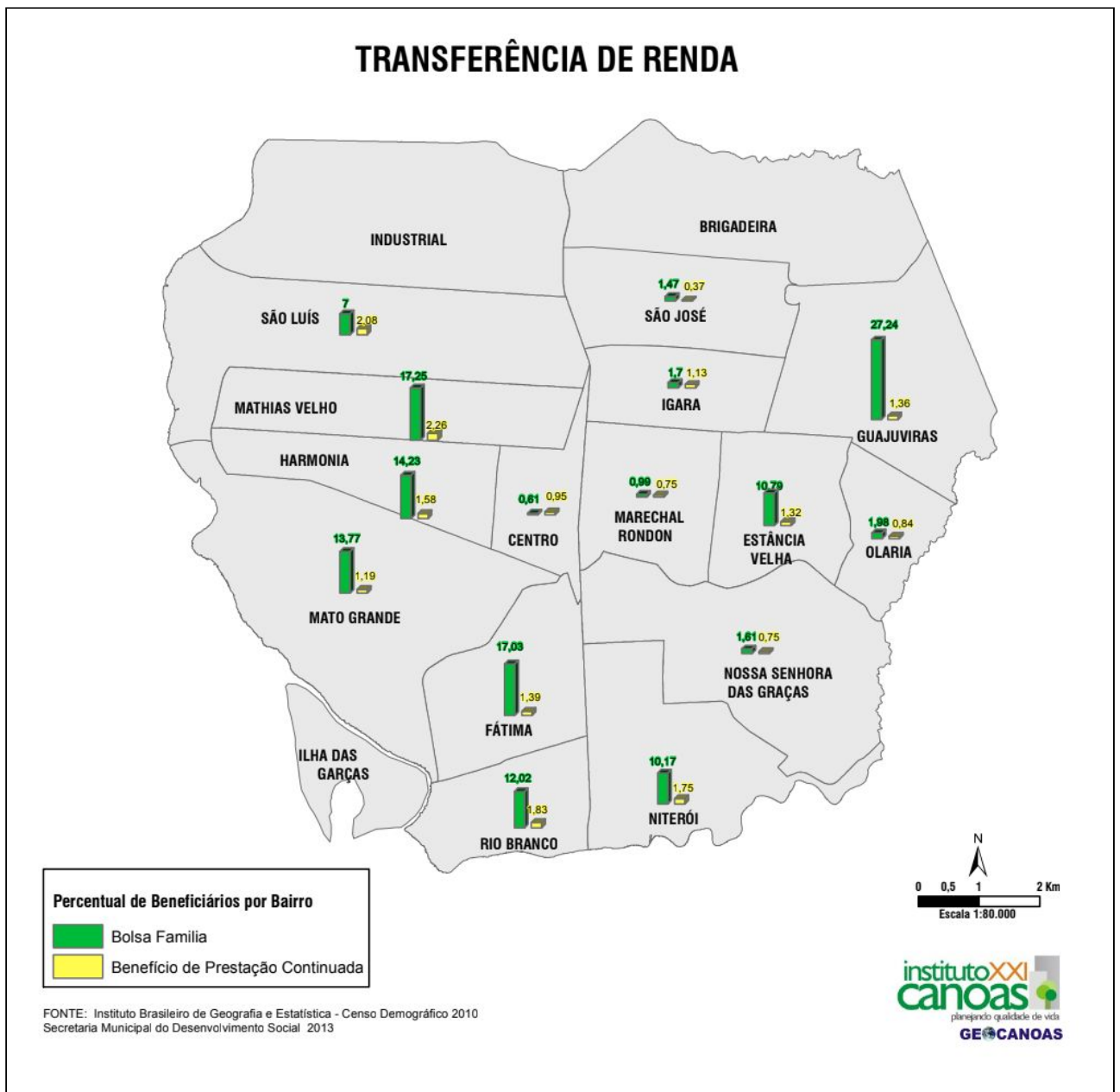


Fonte: Prefeitura de Canoas (2015)

Um grande número de pessoas beneficiárias de programas de transferência de renda residem no bairro: 17,25% de cerca de 49.000 pessoas residentes no

bairro recebem Bolsa Família e 2,26% possuem Benefício de Prestação Continuada (Figura 8).

Figura 8 - Percentual de beneficiários por bairro.



Fonte: Prefeitura de Canoas (2014)

Quanto aos indicadores de alfabetização, o bairro apresenta a terceira menor taxa de alfabetização, sendo 95,9% para mulheres e 97,1% para homens,

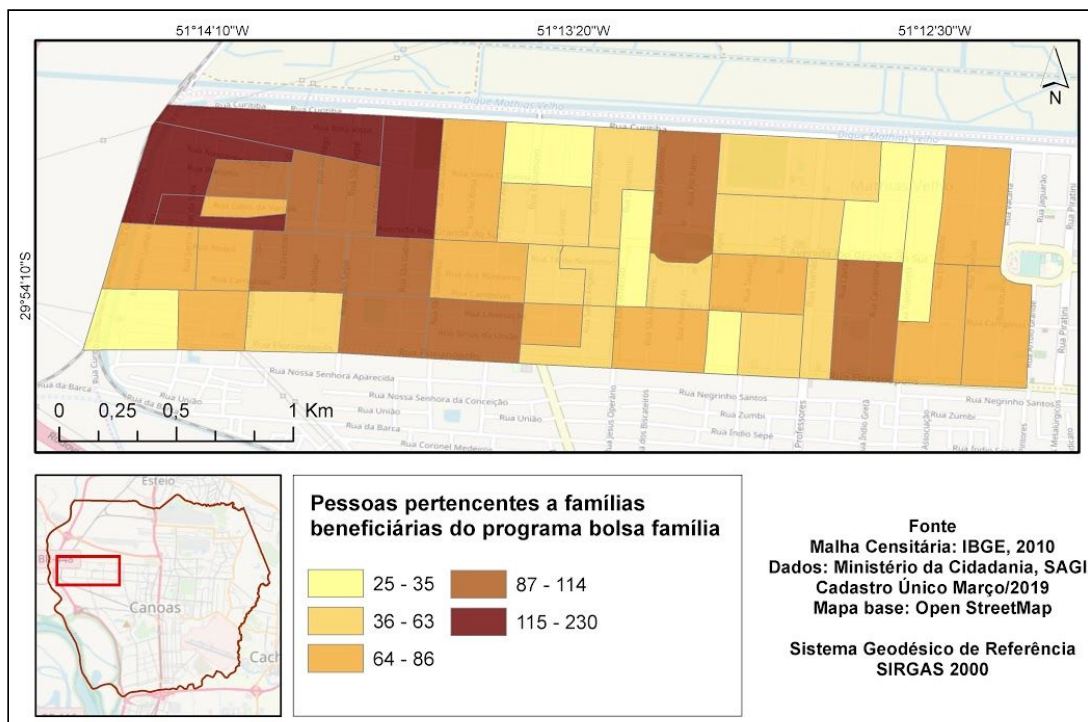
totalizando 96,5% de alfabetização para a população acima de 10 anos (IBGE, 2010).

3.2.1 Recorte espacial do Bairro Mathias Velho

Devido à grande extensão do Mathias Velho, para que os dados levantados sejam representativos da realidade do entorno da escola e dos alunos, foi realizado um recorte espacial do bairro, tomando-se por base a localização aproximada das moradias dos estudantes em um mapa a eles disponibilizado no momento da aplicação das entrevistas (Apêndice A). Posteriormente, as áreas que apresentaram maior concentração de alunos moradores foram sobrepostas aos setores censitários, resultando na intersecção com 42 setores, considerados como a unidade para levantamento, espacialização e análise de variáveis consideradas relevantes para a caracterização socioespacial.

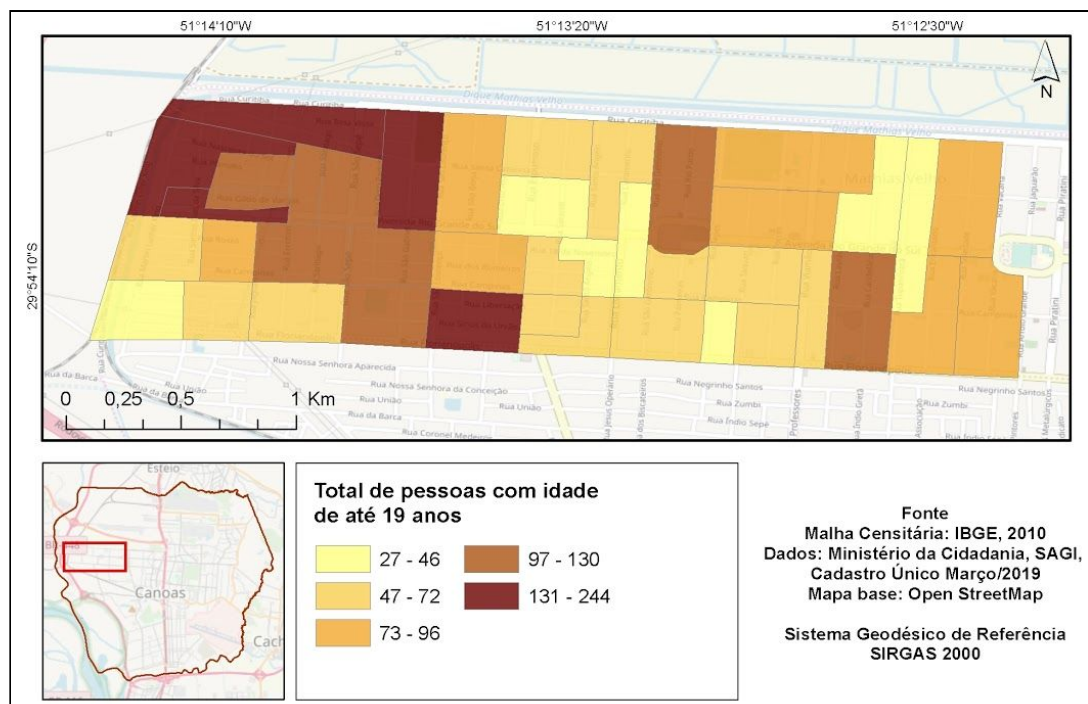
Analisando-se, posteriormente, a distribuição espacial dos dados disponibilizados pelo Ministério da Cidadania (2017) para a área de interesse, percebe-se que nas áreas mais a oeste do bairro (áreas mais próximas ao Rio dos Sinos, e mais periférica do bairro), existe um maior número de pessoas beneficiárias do programa bolsa família, conforme pode ser observado na figura 9. Do mesmo modo, há também um maior número de jovens com até 19 anos de idade nesta mesma área (Figura 10), o que pode ser interpretado, também, como resultado de famílias maiores, com maior número de jovens e crianças, o impactando diretamente na renda familiar. Essa questão também pode ser constatada nos mapas a respeito da renda das famílias (Figura 11, 12 e 13), que trazem indicadores importantes, tais como o número de famílias em situação de extrema pobreza, famílias em situação de pobreza, e número de famílias de baixa renda. É importante ressaltar que essas variáveis apresentam o mesmo padrão de distribuição espacial, expondo a concentração, na área ao oeste do bairro, das características relacionadas à vulnerabilidade e de grande importância para esse estudo.

Figura 9 - Pessoas beneficiárias do programa bolsa família por setor censitário.



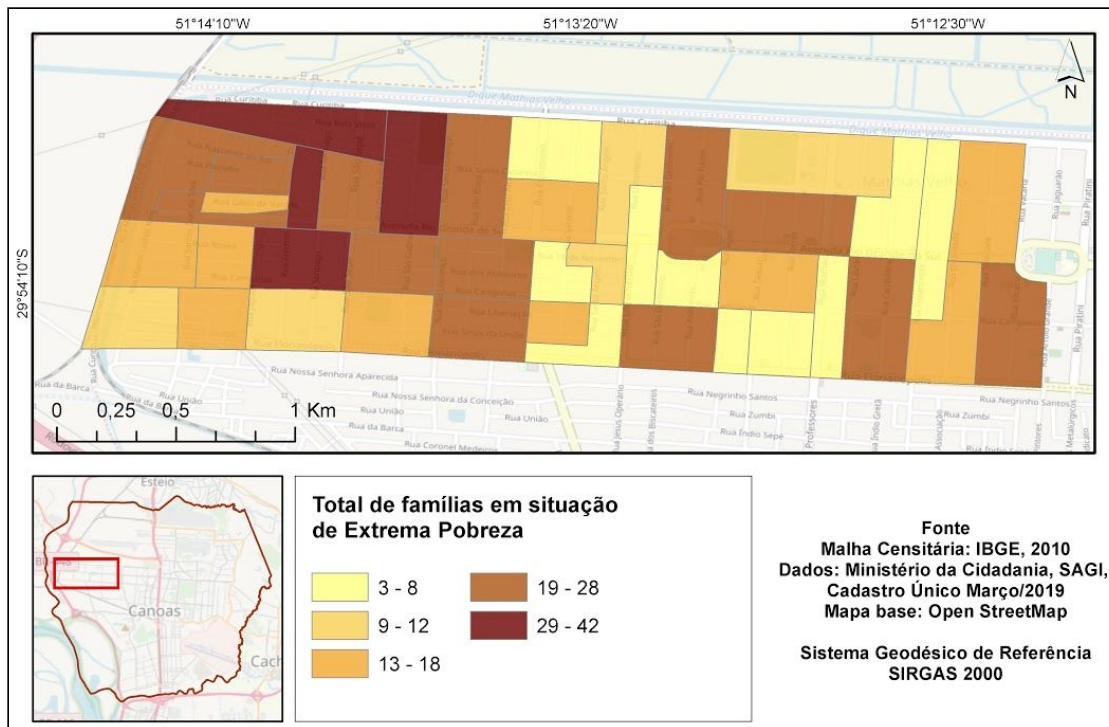
Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 10 - Distribuição espacial do número de pessoas com até 19 anos de idade com registro no cadastro único.



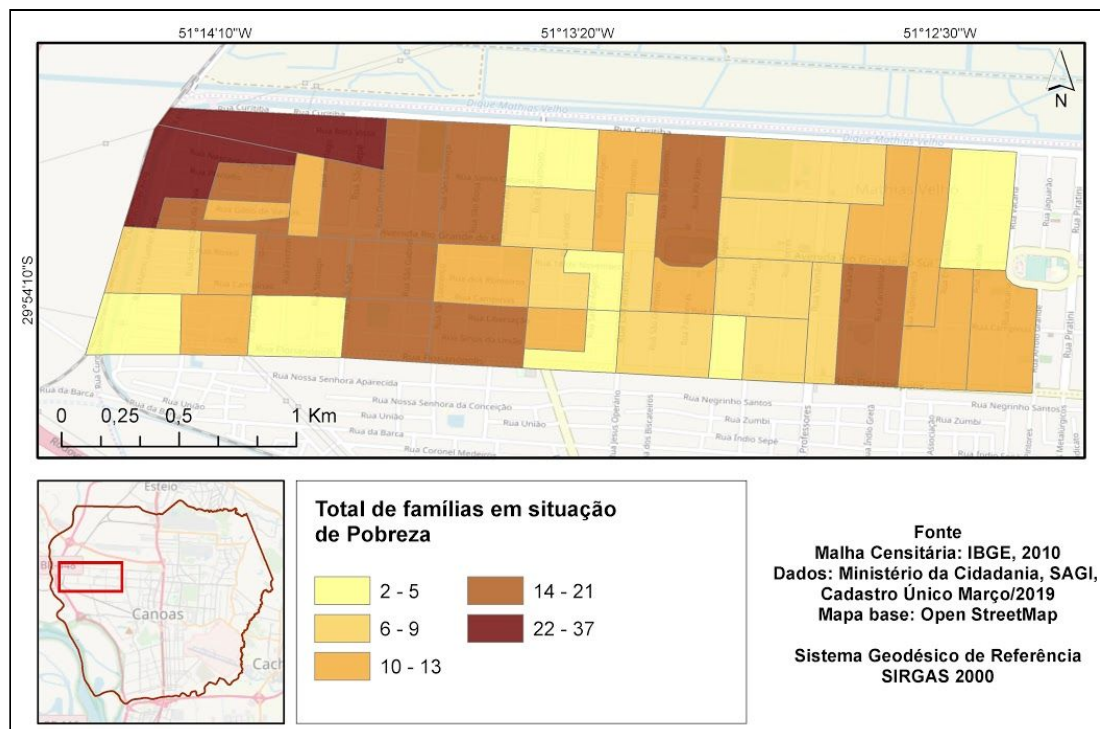
Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 11 - Distribuição espacial do total de famílias em situação de extrema pobreza.



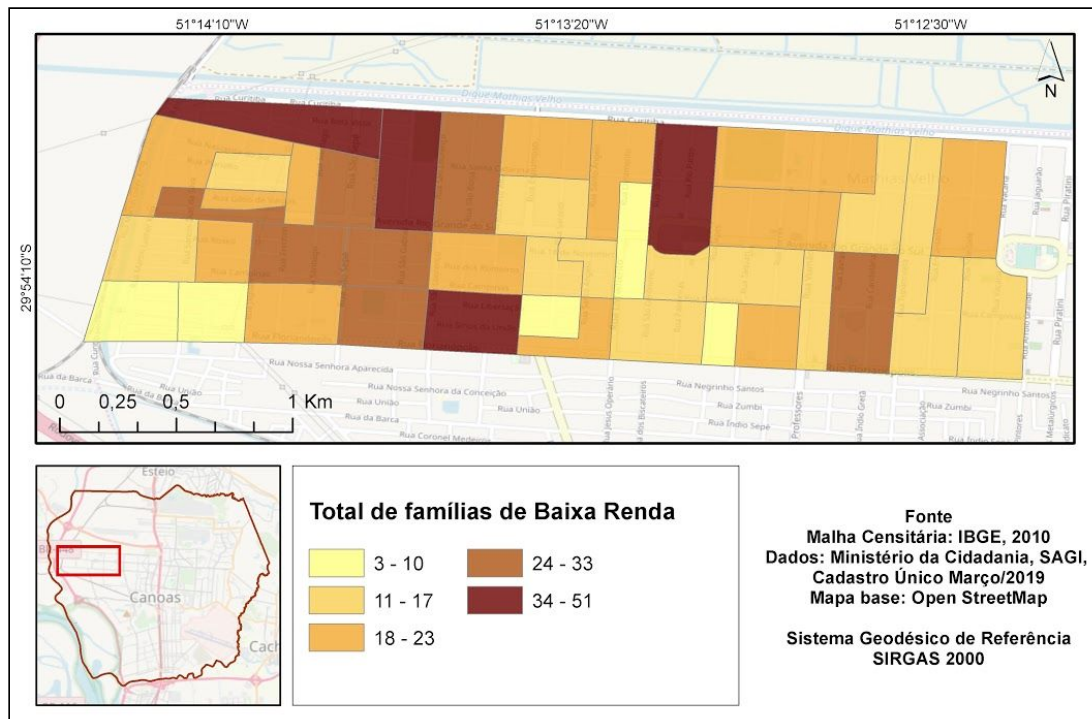
Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 12 - Distribuição espacial do total de famílias em situação de pobreza.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 13 - Distribuição espacial do total de famílias de baixa renda



.Fonte: Elaboração própria (2019)

Quanto mais para o fundo da Mathias Velho, mais baratos eram os terrenos e mais fáceis as condições para adquiri-los, “Eu e os outros vendedores íamos para as vilas populares, daquelas que não tinham nada, juntávamos pessoas e trazíamos para cá”. (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000. p. 30)

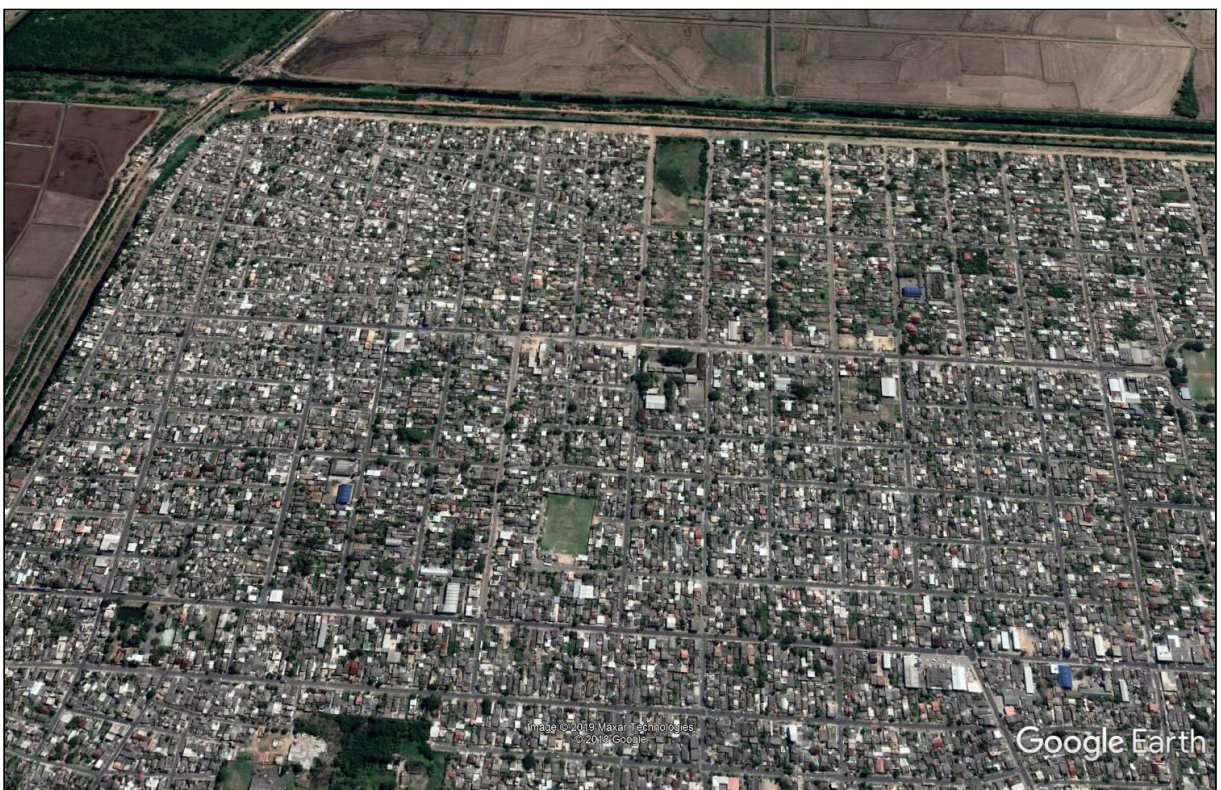
Um dos locais mais problemáticos de Mathias Velho é a Vila Getúlio Vargas, conhecida pejorativamente como Vila Sapo. [...] Foram as elites que deram esse nome, porque lá, quando chovia, tinha muita água. As elites queriam que esse povo saísse de lá. Diziam: lá é para sapo! [...] Os governantes não queriam dar infra-estrutura, nunca fizeram loteamento popular. (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2000. p. 65)

Por seu histórico de ocupação, conforme os dados socioeconômicos apresentado anteriormente, corroborados pelas imagens de satélite (Figuras 14 e 15), a área delimitada possui densa ocupação e escassez de arborização nas vias. Conta com apenas um espaço público para lazer que, como pode ser observado na figura 16, é um pequeno espaço, sem manutenção constante e com equipamentos danificados. Conforme já tratado em tópicos anteriores, a área possui diversos

hotspots relacionados a crimes, características que podem ser consideradas como indicadores da qualidade de vida local.

Desse modo, esse levantamento socioespacial permitiu concluir que os alunos entrevistados estão inseridos em um contexto socioespacial de baixa renda, com sujeição à criminalidade, de falta de acesso a bens culturais, e espaços para diferentes vivências além do meio familiar ou das “ruas”, tendo como único lugar de acesso a espaços e bens culturais, as próprias escolas do bairro.

Figura 14 - Imagem de satélite que retrata a densa ocupação de parte do bairro Mathias Velho.



Fonte: Google Earth (2018)

Figura 15 - Imagem de satélite de parte do loteamento Getúlio Vargas, no Bairro Mathias Velho.



Fonte: Google Earth (2018)

Figura 16 - Praça Pequeno Cauã, bairro Mathias Velho.



Fonte: Street View (2018)

4. RESULTADOS

4.1 O instrumento de pesquisa: Quem são e aonde querem chegar?

Respondida a questão “onde estão?” , passamos então para o entendimento e a caracterização dos alunos foco do estudo, com relação aos aspectos considerados relevantes para compreender as perspectivas de acesso ao ensino superior, de acordo com os objetivos propostos. Para tal, elaborou-se um roteiro com questões que abordassem os diferentes aspectos considerados como fatores de influência para a escolarização dos jovens, resultando em entrevistas semi estruturadas, com perguntas optativas e dissertativas, abrangendo temas como família, trabalho, renda, espaços de convívio, vida escolar, conhecimento sobre as formas de ingresso ao ensino superior e motivações (Apêndice B).

Foram aplicadas 80 entrevistas, de modo anônimo, com alunos do terceiro ano do ensino médio regular, do turno da manhã e do turno da noite.

As questões relacionadas ao nível de conhecimento quanto aos programas de acesso ao ensino superior foram estruturadas a partir da adaptação do método utilizado por Rockenbach (2013), quando em seu trabalho avaliou a perspectiva de estudante em relação às ações afirmativas.

Quanto à questão relacionada à renda per capita, as classes foram estruturadas de forma que fosse possível identificar se os alunos fazem parte do público alvo das políticas de ações afirmativas e de programas de acesso ao ensino superior. Optou-se por questionar se o aluno trabalha e a idade com que o aluno iniciou, de modo a possibilitar o melhor conhecimento da sua realidade e disponibilidade para os estudos. Além disso, a profissão e a escolaridade de seus responsáveis também foram contempladas, a fim de compreender o nível de formação escolar dos pais que, de acordo com Flores (2008) exerce influência na trajetória e nos resultados escolares.

Para entender os diferentes espaços vivenciados pelos alunos entrevistados e o acesso a bens culturais, questionou-se quais são os demais lugares frequentados e as atividades realizadas pelos alunos fora do espaço escolar.

Julgou-se importante atentar sobre a autoestima dos estudantes em relação ao seu acesso ao ensino superior, questionando se o aluno acredita ou não que pode ingressar em uma universidade e o motivo da sua resposta.

De modo a entender se o aluno possui informação sobre o tema tratado e qual sua fonte, uma questão de múltipla escolha foi elaborada com diversos meios com o papel de divulgar o conhecimento. Questionou-se também o incentivo recebido por parte de familiares e outras possíveis pessoas, e se o aluno conhece pessoas que tenham ingressado no ensino superior, para conhecer se há e quem configura a rede de apoio e de informação à qual esse aluno tem acesso. Para finalizar, com o intuito de compreender a relação do aluno com o meio escolar, questionou-se se já houve alguma repetência em seu histórico e o qual é o significado do estudo para ele.

4.2 As perspectivas de acesso ao ensino superior

O conjunto de características socioespaciais apresentadas neste trabalho, referentes ao bairro e ao contexto vivenciado pelos alunos, demonstra diversos fatores que transpassam pelos jovens moradores desse lugar, que o tem como seu espaço de vivência. A falta de acesso a equipamentos culturais, de oportunidades educacionais de qualidade e os fatores de influência que os cercam exigem que o poder de ação do indivíduo dê conta de ultrapassar todas as fronteiras interpostas quando o assunto é a longevidade escolar e perspectivas de futuro. A escola, os professores e a família cumprem o importante papel de ressignificar esses espaços e transformar esses fatores em motivo de superação para os alunos.

As entrevistas realizadas com os alunos da escola, buscaram dimensionar o entendimento deles quanto às políticas de ingresso ao ensino superior como o ENEM, Prouni, Fies, Sisu e as instituições públicas, sendo todas essas formas de auxiliar o público alvo da pesquisa no ingresso ao ensino superior.

Quando questionados sobre os seus conhecimentos sobre o ENEM, os resultados foram positivos, já que o exame possui ampla divulgação e participação

dos estudantes em sua realização. Cerca de 26% dos alunos relataram saber muito pouco sobre o ENEM; 47,5% sabiam razoavelmente sobre como o exame funciona, mas tinham dúvidas e; 26% disseram saber como funciona e não ter dúvidas sobre.

Em relação ao PROUNI, programa que concede bolsas integrais e parciais em universidades privadas, 32% dos entrevistados disseram nunca ter ouvido falar sobre; 45% afirmaram saber muito pouco; 18,75% sabiam razoavelmente, porém, tinham dúvidas e; 3,75% disseram saber como o programa funciona.

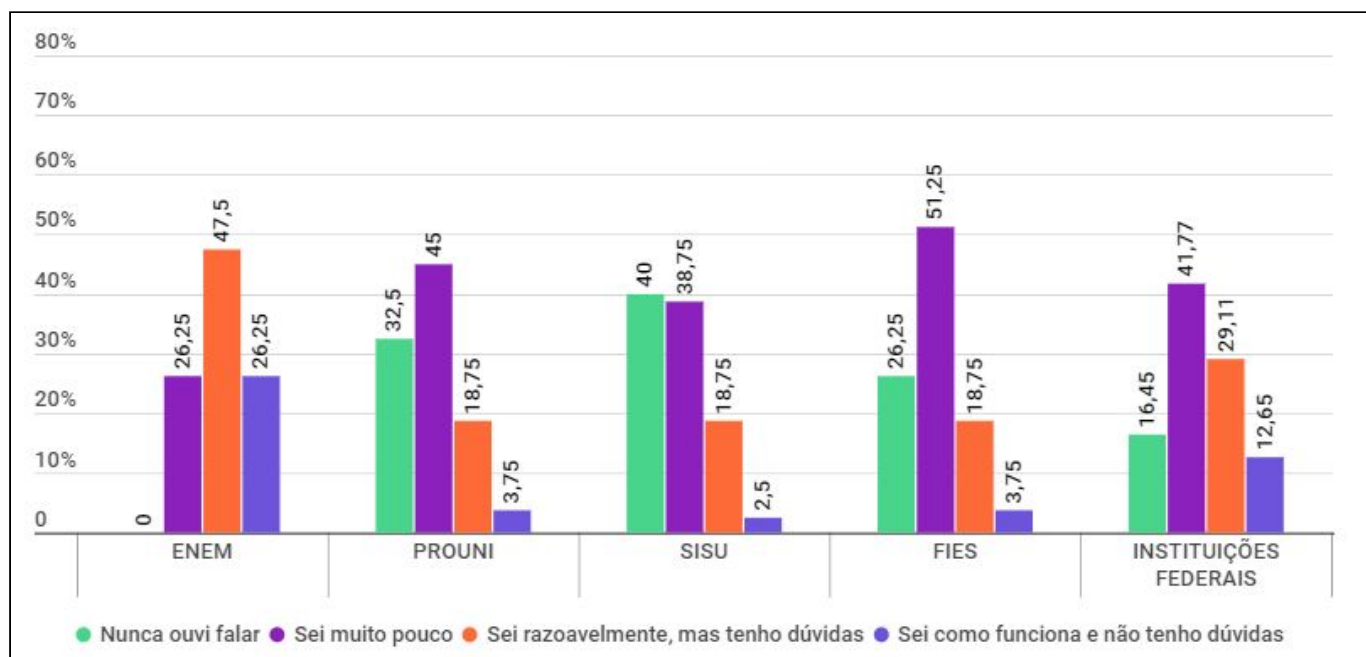
O Sisu, programa de ingresso em instituições públicas de ensino pela nota do ENEM, foi o programa com o maior nível de desconhecimento: 40% dos entrevistados disseram nunca terem ouvido falar; 38,75% sabiam muito pouco, 18,75% sabiam razoavelmente mas tinham dúvidas e; apenas 2,5% afirmaram saber como funciona. Levantamos a hipótese de que esse maior desconhecimento pode estar relacionado ao distanciamento espacial dessas instituições públicas das áreas mais vulneráveis.

O FIES mostrou-se a modalidade de acesso ao ensino superior com o maior nível de conhecimento entre os alunos. Cerca de 26,25% relataram nunca ter ouvido falar do programa; enquanto que 51,25% disseram conhecer muito pouco; 18,75% sabiam razoavelmente mas possuíam dúvidas e; 3,75% sabiam como funciona.

A respeito do conhecimento sobre instituições federais de ensino, 16,45% dos entrevistados nunca ouviram falar; 41,77% sabiam muito pouco; 29,11% sabiam razoavelmente, mas tinham dúvidas e; 12,65% conheciam como funcionam. Um resumo destas informações é apresentado na Figura 17.

É relevante informar que durante a aplicação das entrevistas, percebeu-se os alunos envergonhados em responder que nunca haviam escutado falar sobre as formas de acesso, podendo este fato ter influenciado nos dados apresentados, talvez sobrestimando o nível de conhecimento.

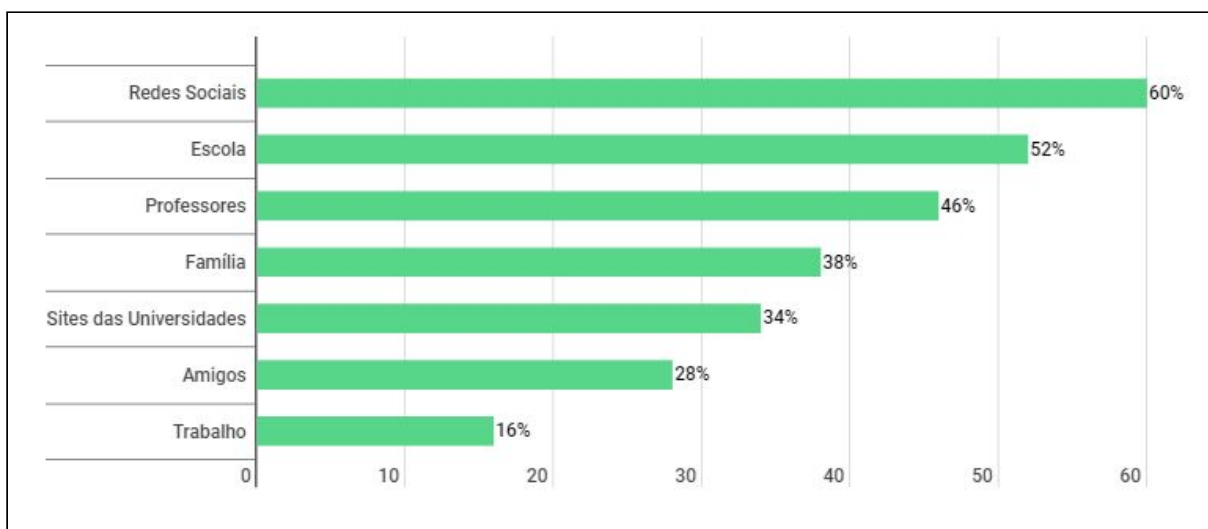
Figura 17 - Conhecimento sobre as oportunidades de acesso ao ensino superior.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Com esse cenário apresentado, procurou-se entender quais as fontes de informações sobre as modalidades de ingresso ao ensino superior às quais os alunos têm acesso (Figura 18). Cerca de 36,7% dos entrevistados afirmaram não ter acesso a informações relacionadas ao tema, enquanto cerca de 63,3% dos alunos disseram ter acesso ao menos a uma das fontes de informações. Entre as fontes citadas, mostrou-se como a maior delas as redes sociais (60%), seguindo-se da escola (52%), professores (46%), família (34%), amigos (28%) e, por fim, o trabalho (16%). Com isso verifica-se a importância das redes sociais como fonte de informação e o papel da escola e de professores na divulgação e esclarecimento desses sistemas. Além disso, 12% dos alunos entrevistados afirmaram ter como única fonte de informação a família e, 14% têm como única fonte a escola ou professores.

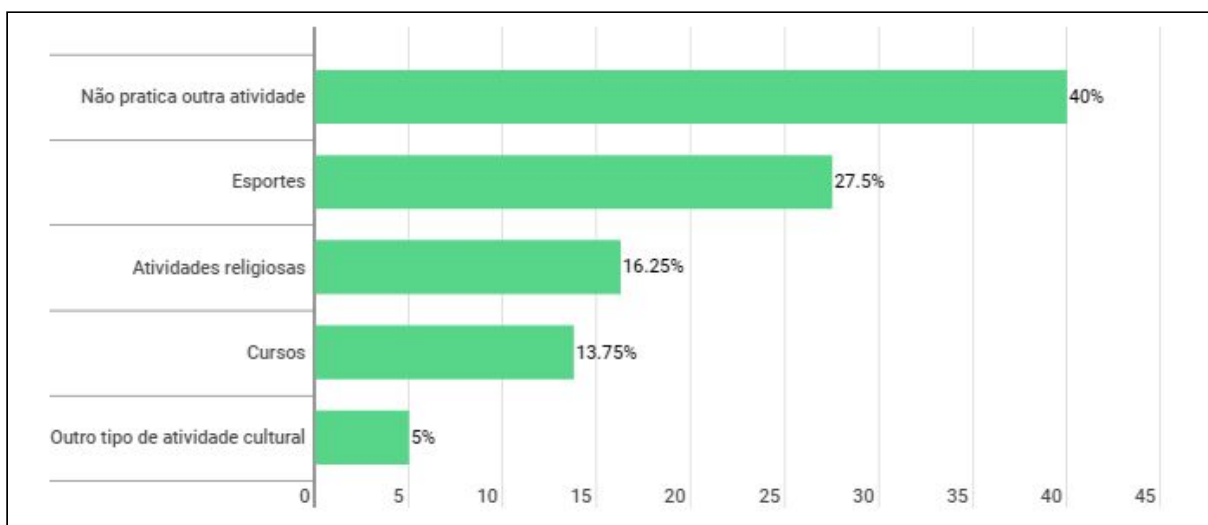
Figura 18 - Fontes de informações sobre as formas de acesso ao ensino superior.



Fonte: Elaboração própria (2019)

As fontes de informação tendem a aumentar de acordo com os diferentes espaços frequentados pelas pessoas, sendo assim, questionou-se quais outros tipos de atividades os alunos praticam e espaços que frequentam. Como resultado, 40% dos entrevistados afirmaram não ter atividades fora da escola, 27,5% praticam algum tipo de esporte, 16,25% dos entrevistados participam de atividades religiosas, 13,75% fazem algum curso, e 5% participa de algum outro tipo de atividade cultural (Figura 19).

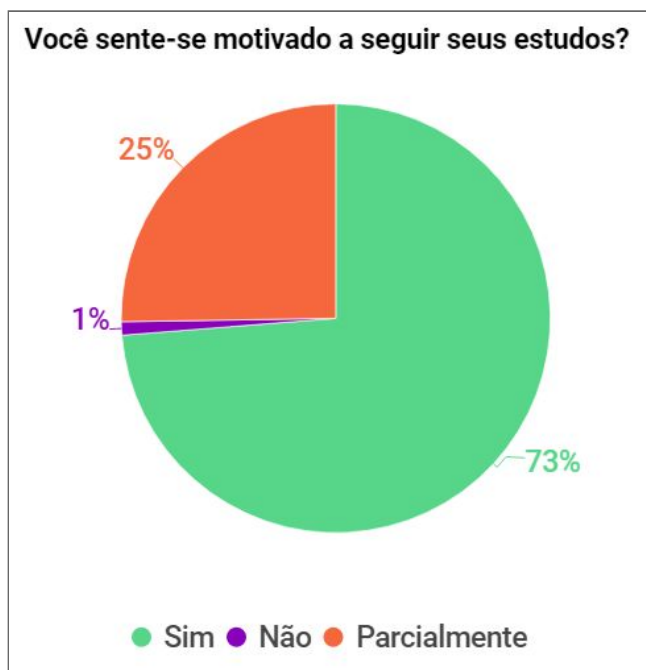
Figura 19 - Espaços e atividades frequentadas pelos entrevistados.



Fonte: Elaboração própria (2019)

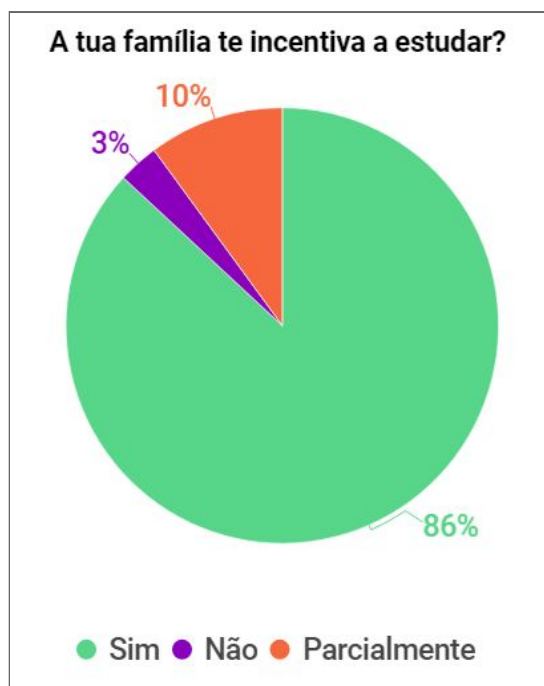
Quando questionados sobre sua motivação para prosseguimento de seus estudos após a conclusão do ensino médio, 25% dos alunos relataram sentir-se parcialmente motivados, 1% disseram não sentir motivação, e 73% sentem-se motivados (Figura 20). Em relação à motivação oriunda da família, 86% dos alunos sentem-se motivado por sua família, 10% parcialmente motivados e 3,75% disseram não ter incentivo da família para estudar (Figura 21).

Figura 20 - Motivação pessoal para prosseguimento dos estudos.



Fonte: Elaboração própria (2019)

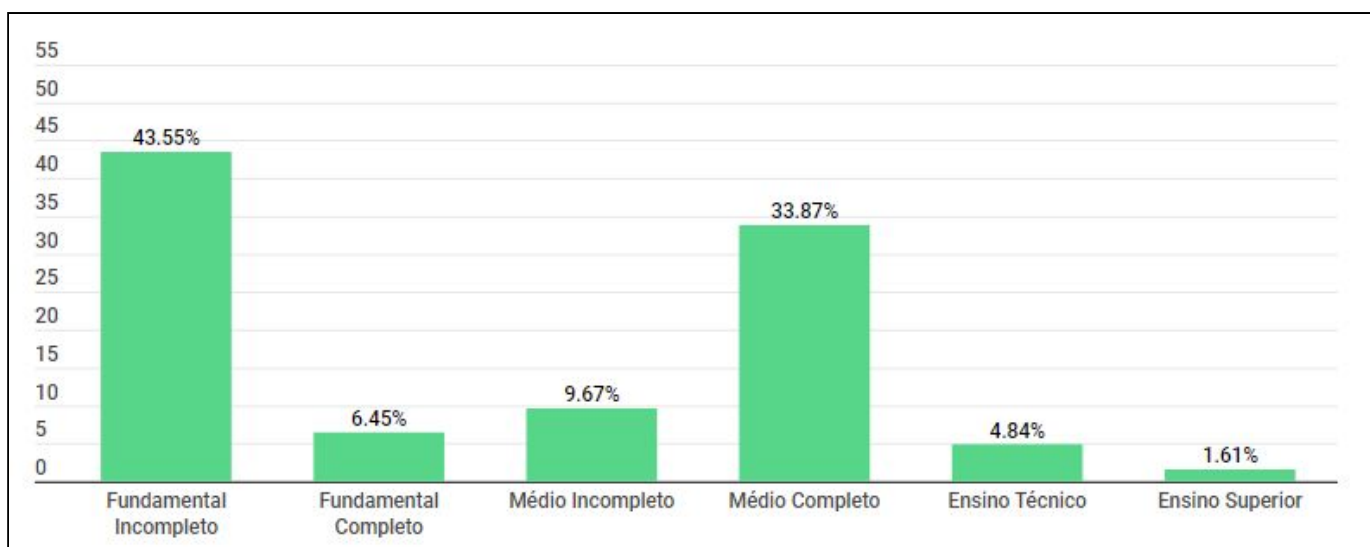
Figura 21 - Motivação da família para os estudos do aluno.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Uma das questões abordadas no questionário trata sobre a escolaridade e profissão dos responsáveis. Muitos alunos não responderam a essa pergunta, e alguns responderam de modo incompleto, podendo esse comportamento ser oriundo de diversos fatores, sendo um deles o próprio desconhecimento da informação. Dos 80 alunos entrevistados, apenas 62 prestaram informações válidas nessa questão. De acordo com a Figura 22, 43,55% dos alunos possuem responsáveis com no máximo o ensino fundamental incompleto e 6,45% fundamental completo. O ensino médio foi concluído como escolaridade máxima para 33,87% dos responsáveis e o ensino médio incompleto para 9,67%. Cerca de 66% dos alunos possuem pelo menos um dos seus responsáveis com no máximo o ensino fundamental completo, enquanto apenas 24% dos alunos possui os dois responsáveis com pelo menos o ensino médio completo. Quanto ao ensino técnico são apenas 4,84%, destacando que todas são mães, com técnico na área de enfermagem. Apenas um aluno possui responsável com ensino superior, sendo este a mãe, com formação na área de ciências contábeis.

Figura 22 - Maior nível de ensino entre os responsáveis.

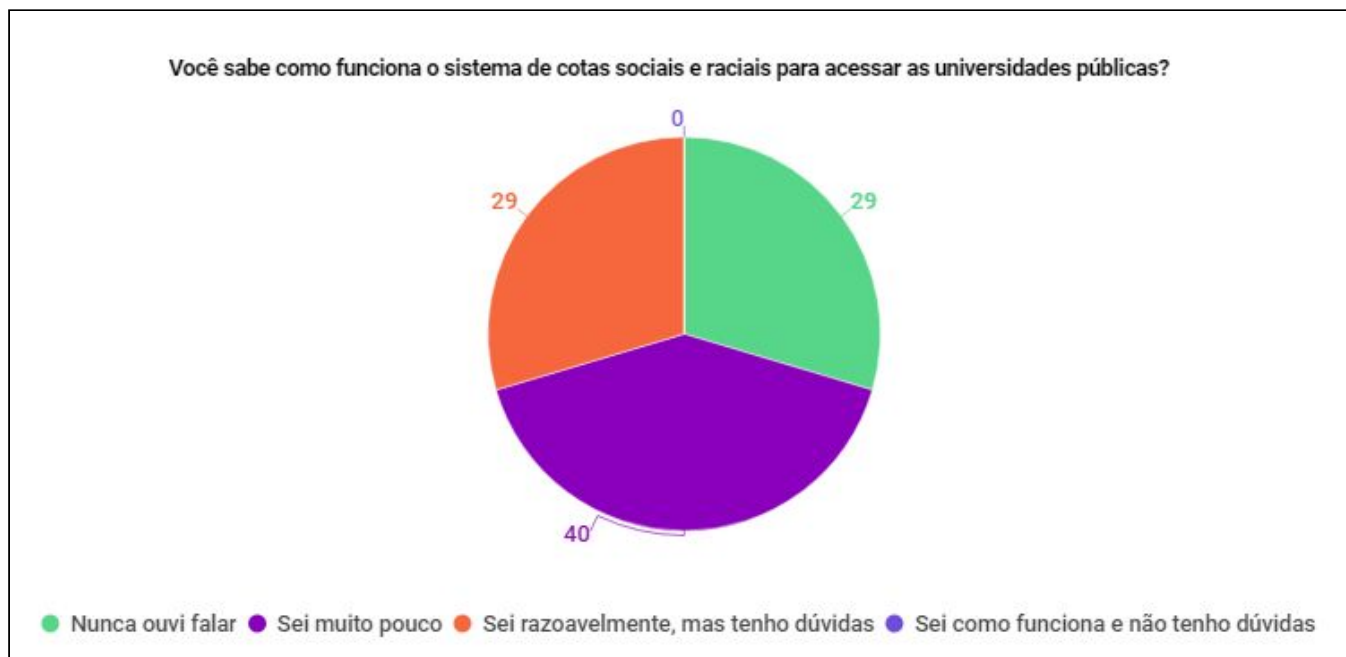


Fonte: Elaboração própria (2019)

Quando questionados sobre como se identificam quanto à sua cor ou raça, 13,75% identificaram-se como pretos, 25% como pardos e 61,25% como brancos. Quanto à renda, cerca de 53,24% dos alunos relataram possuir renda familiar per capita de até 1,5 salários mínimos. Apesar deste número, os dados quanto a renda não são considerados representativos, devido a grande dificuldade dos alunos em calcular a renda per capita familiar, seja por desconhecimento da renda dos pais, ou até mesmo por não saberem realizar o cálculo. Algumas entrevistas apresentaram relatos de renda não condizentes com as profissões dos pais ou que possuem na família mais de uma criança, que, teoricamente, não possuem renda. Assim, entende-se ser possível o dado de renda familiar estar sobrestimado.

Essas duas últimas questões referem-se aos requisitos para o candidato ser contemplado em ações afirmativas. Apesar da dúvida quanto a sobre estimacão dos dados, percebe-se que ainda assim pelo menos metade dos entrevistados possui perfil socioeconômico de alunos baixa renda, todos são alvo das ações afirmativas voltadas à alunos oriundos de escolas públicas e, 28,75% encaixam-se no perfil das cotas raciais. Embora os alunos tenham esse perfil, eles demonstraram desconhecimento sobre as ações afirmativas existentes e que podem reivindicar no momento de candidatar-se a uma vaga no ensino superior. Este fato é representado na Figura 23, na qual 29% dos alunos entrevistados nunca ouviram falar sobre o sistema de cotas; 40% relatou saber muito pouco sobre o assunto; 29% sabe razoavelmente, mas possui dúvidas; enquanto nenhum dos alunos afirmou saber como funciona o sistema.

Figura 23 - Conhecimento dos alunos sobre ações afirmativas.



Fonte: Elaboração própria (2019)

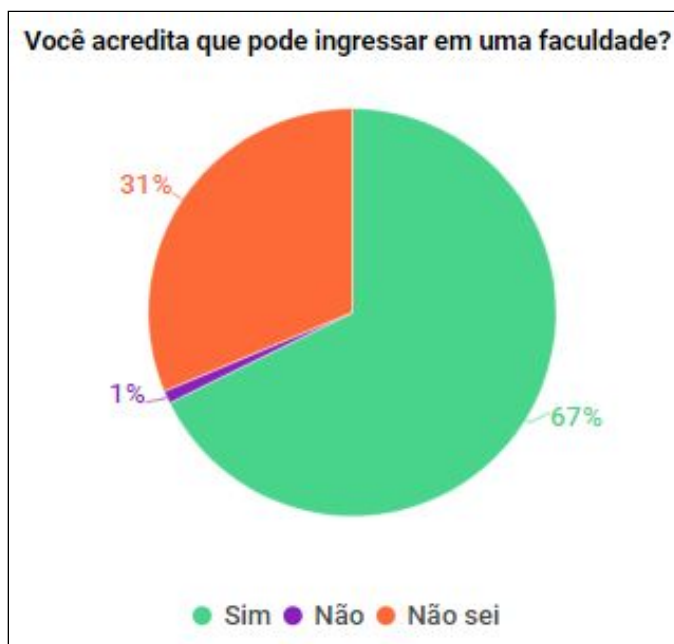
Esse desconhecimento constrói barreiras entre o desejo e a possibilidade de realizar o objetivo. Nas experiências em sala de aula, questionei se eles sabiam que existem cotas para eles em universidades públicas, todos reagiram à informação com surpresa, principalmente quando deixei claro que todos dentro daquela sala de aula, possuem direito às cotas.

“Você acredita que pode ingressar em uma faculdade?” Essa pergunta busca entender se o aluno se vê como alguém que pode entrar na faculdade. Um único aluno disse não acreditar na possibilidade de ingresso em uma faculdade. 31% disseram não saber, e 67% acredita ser possível o seu ingresso em uma faculdade (Figura 24). Quando questionados do porquê de sua resposta, “esforço”, “força de vontade” e “determinação” chamaram a atenção pelo número de vezes em que aparecem nos discursos (Figura 25). Algumas respostas se destacam pela sua singularidade, como a de um aluno que declarou não saber se pode ingressar, justificando sua resposta da seguinte forma: *“Porque o ensino que recebo em minha escola é menos do que o básico, para ingressar em faculdade precisaria de um*

cursinho". Outro justifica sua resposta positiva à questão com: "Acho que todos temos uma chance".

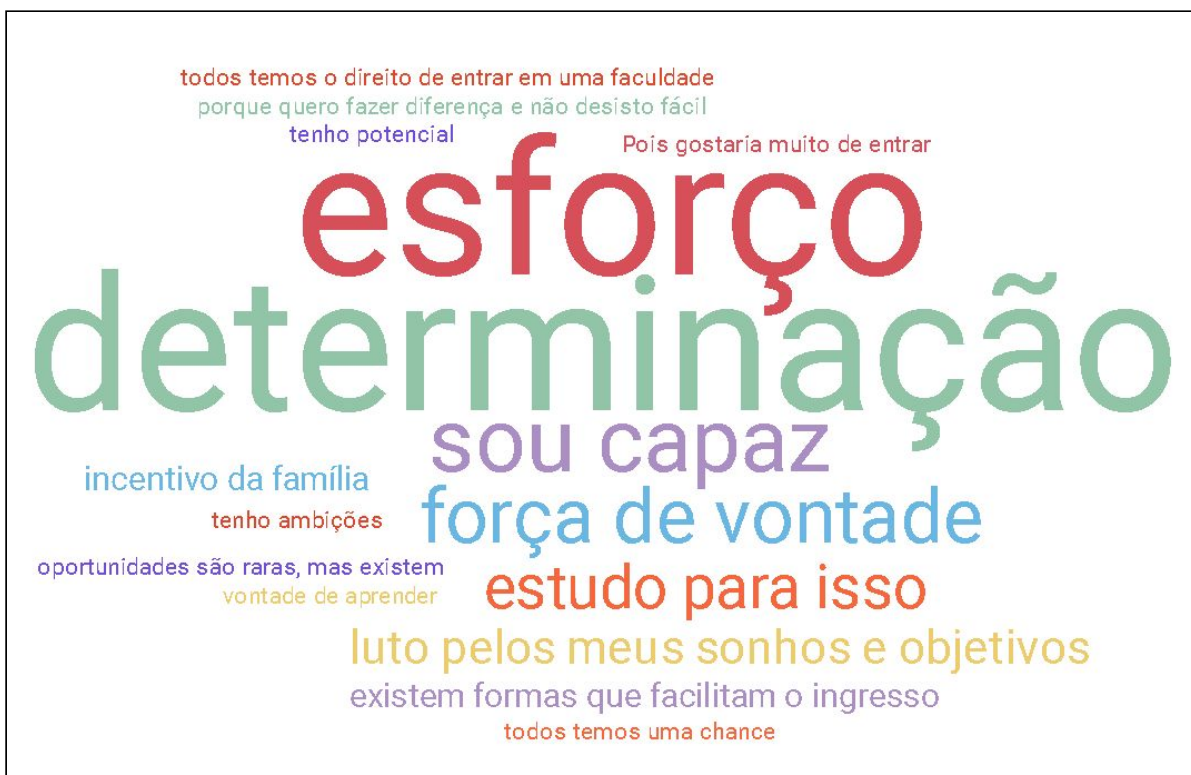
Em alguns discursos podemos ver a importância dada pelos entrevistados ao ingresso ao ensino superior, e como vêm a realização desse objetivo: "Eu acredito que posso porque eu sonho muito com isso e sou determinada.", "Sempre quis fazer faculdade, acredito que se me esforçar consigo ingressar.", e "Porque minha família incentiva e também quero poder conhecer o ambiente de uma faculdade.", e uma frase de muito significado para este trabalho trata: "Porque oportunidades são raras, mas existem, e estão por aí para nos ajudar."

Figura 24 - "Você acredita que pode ingressar em uma faculdade?"



Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 25 - Nuvem de palavras: “Por quê você acredita que pode ingressar no ensino superior?”



Fonte: Elaboração própria (2019)

Para entender mais sobre a relação dos os entrevistados com os estudos, questionou-se para que, na visão deles, servem os estudos. Com os relatos, temos uma nuvem de palavras (Figura 26), na qual estão destacados os termos mais utilizados nas respostas. Nem todos responderam, a maioria optou pelo simples “obter conhecimento”, mas também chama-se a atenção para a expressão “ter um futuro melhor”, que mostra o quanto os estudos aparecem como uma possibilidade de melhorar as condições de vida desses estudantes.

Algumas expressões não foram repetidas tantas vezes, contudo a importância delas, avaliadas no individual e no contexto da entrevista, demonstra o tamanho do significado que carregam consigo. Por exemplo, “O estudo serve pra gente ter um serviço melhor, uma vida mais serena”. Esta poderia ser uma expressão qualquer, mas ela vem de um aluno que começou a trabalhar com 13 anos de idade como

pedreiro, em obras, e diz não acreditar na possibilidade de seu ingresso em uma faculdade. Ou como “para salvar pessoas” oriunda do relato “*Se eu não estudar, meu diploma de médica não vou ter. E um total de zero pessoas eu vou poder salvar*”, de uma menina que cursa o ensino médio de manhã, trabalha com vendas e, ao mesmo tempo, faz um curso técnico. Relata ainda “*Capacidade de entrar na faculdade eu tenho, porém dependendo do sistema para isso. Zero condições de pagar minha faculdade de medicina*”. Essa fala mostra o esforço e o poder de ação que essa aluna precisa ter para alcançar seu objetivo de entrar na faculdade, cursar medicina e salvar pessoas.

Figura 26 - Nuvem de palavras “para quê serve o estudo?”



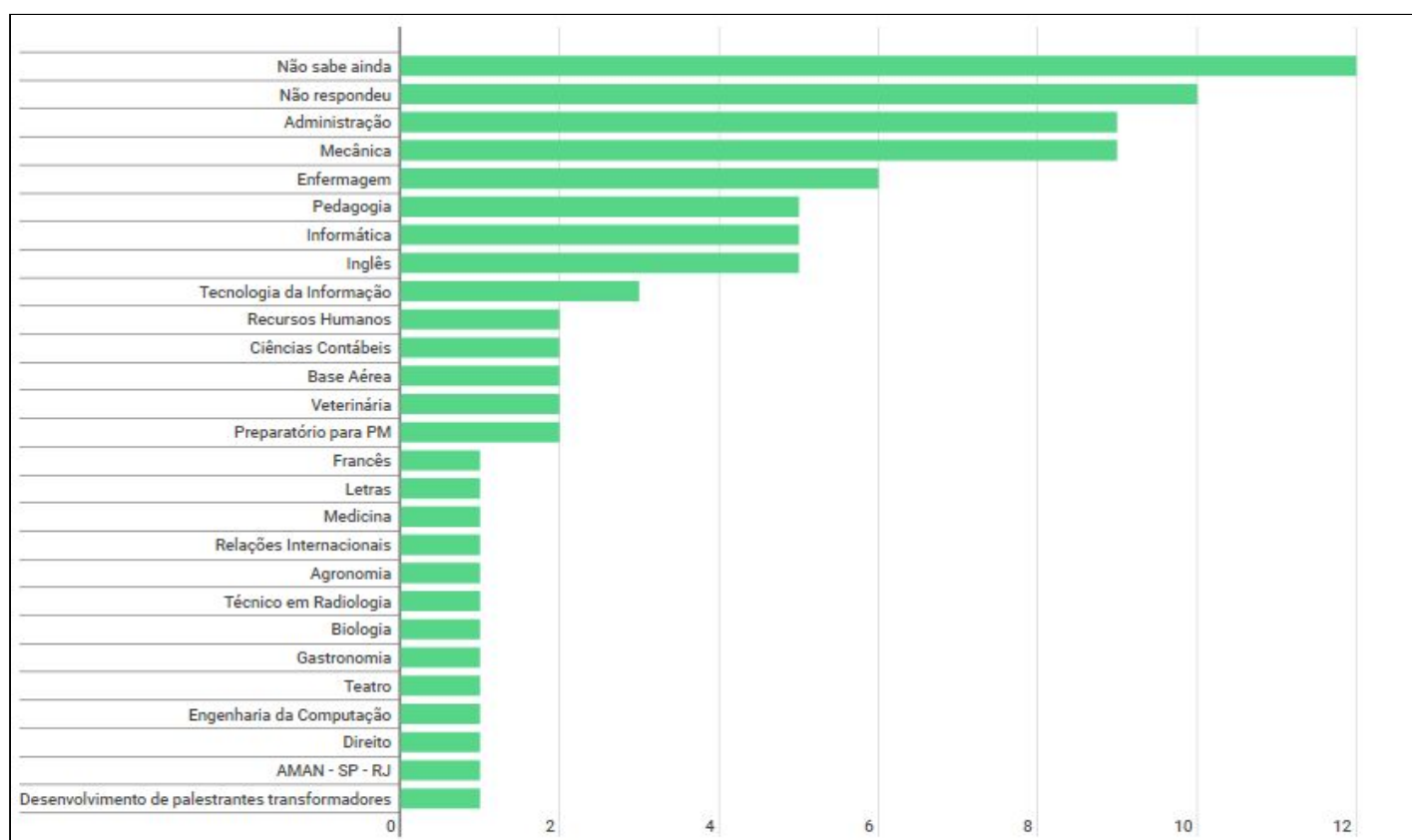
Fonte: Elaboração própria (2019)

Cerca de 46% dos entrevistados já trabalham, entre as áreas citadas estão: comércio (46%), recursos humanos e mecânica (8,5%), telemarketing, tecnologia da informação e chapeação (5,7%), saúde, beleza, esporte, atendimento e construção (2,8%).

Como resposta à pergunta “Você gostaria de fazer algum curso após o ensino médio? Se sim, qual curso e onde gostaria de fazê-lo?” 37 alunos responderam

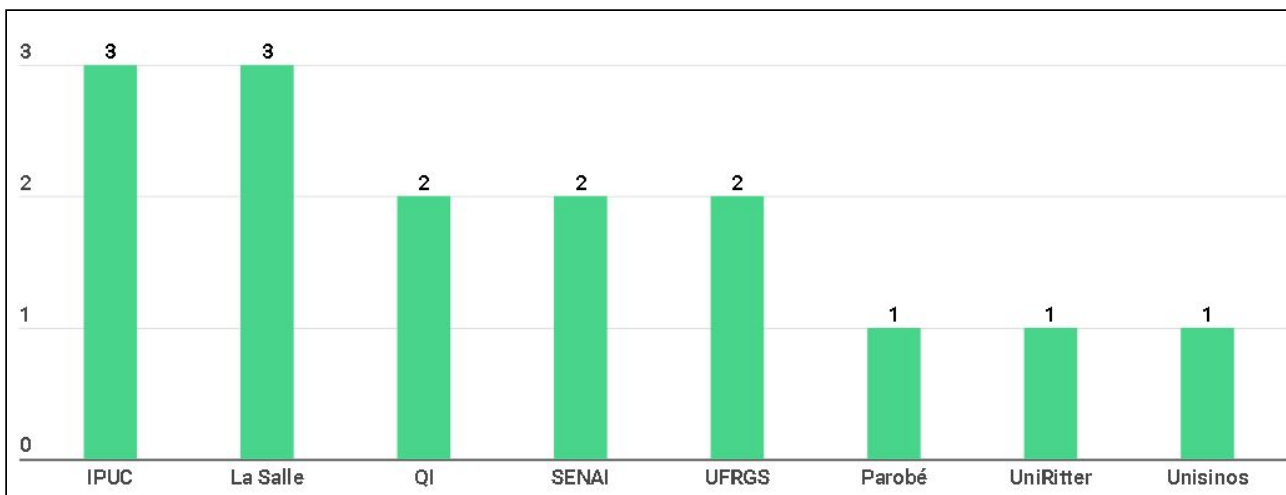
sobre cursos de nível superior, 13 citaram a possibilidade de realizar um curso técnico. Dentre as possibilidades citadas pelos entrevistados, aproximadamente 26% apresentaram algum tipo de relação com as atividades profissionais desenvolvidas pelo próprio aluno ou por seus responsáveis, a distribuição dos cursos listados pelos alunos está representada na Figura 27. Quanto ao local onde gostariam de cursá-lo, apenas 15 dos 80 entrevistados listaram o nome de alguma instituição, destes, doze destinando-se a instituições privadas, e apenas três a públicas (Figura 28). Os demais alunos não responderam, ou não sabem onde vão/podem fazer o curso pretendido, o que pode refletir a falta de planejamento e conhecimento sobre as possibilidades, alguns deles sabem o que querem fazer, mas não sabem onde o curso é oferecido, ou qual o melhor lugar para fazê-lo.

Figura 27 - Cursos que o aluno pretende fazer após concluir o ensino médio.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 28 - Número de alunos por instituição de ensino em que pretendem estudar.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Nove alunos entrevistados têm irmãos que cursaram ou cursam uma faculdade, seis deles afirmaram saber como funciona, três disseram saber razoavelmente. Entre os entrevistados que afirmam saber o que é uma faculdade, 65,5% têm um membro da família ou amigo que ingressou no ensino superior, o que demonstra a influência dos pares no conhecimento sobre as oportunidades. Ainda a respeito do conhecimento sobre o que é uma faculdade, 1% afirmam nunca ter ouvido falar, 25% sabem um pouco, 37% sabem razoavelmente e 27% sabem como funciona (Figura 29). Ao se comparar estas informações com o nível de conhecimento sobre as Instituições Federais, percebe-se que há um descolamento entre faculdade e Instituições Federais, conforme pode ser observado na Tabela 2:

Tabela 2 - Percentual de conhecimento sobre faculdades e instituições federais

Nível de conhecimento	Faculdade	Instituições Federais
Nunca ouvi falar	1	16
Sei muito pouco	25	42
Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas	37	29
Sei como funciona e não tenho dúvidas	37	13

Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 29 - Nível de conhecimento sobre o que é uma faculdade.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Entendendo-se o nível de conhecimento dos alunos sobre o que é uma faculdade, respondemos agora quantos deles gostariam de cursar (Figura 30): 1,3% disseram que não gostariam de fazer; 20% afirmaram não saber ainda e; 78,7% disseram querer fazer uma faculdade.

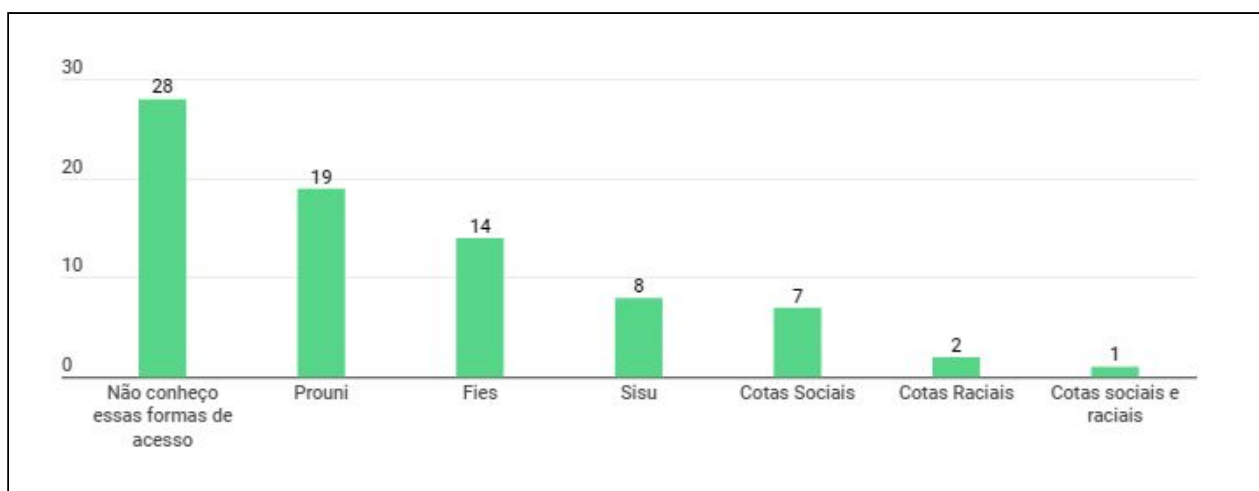
Os 60 alunos com pretensão de cursar uma faculdade, responderam da seguinte maneira a questão sobre se pretendiam usar alguma das formas de acesso listadas (Figura 31): 19 alunos pretendem utilizar o Prouni como modo de acesso; 14 pretendem utilizar o Fies, oito o Sisu; sete pretendem utilizar cotas sociais; dois cotas raciais e; apenas um pretende utilizar cotas sociais e raciais. 28 dos entrevistados afirmaram não conhecer esses meios de acesso ao ensino superior.

Figura 30 - Porcentagem de alunos que gostaria ou não de fazer uma faculdade.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Figura 31 - Formas de acesso que pretende utilizar por número de alunos.



Fonte: Elaboração própria (2019)

Mesmo todos os entrevistados sendo público-alvo de cotas sociais, apenas sete dos 80 alunos demonstraram interesse em utilizá-las. Enquanto 13,75%

identificaram-se como pretos e 25% como pardos, apenas dois alunos pretendem utilizar as cotas raciais para o ingresso na universidade. Essas respostas se aproximam das questões respondidas anteriormente sobre o conhecimento de tais formas de acesso (Figura 17), quando percebemos que os dois programas de ingresso ao ensino privado possuem uma maior porcentagem de conhecimento entre os alunos, mesmo de modo não satisfatório. Enquanto o Sisu e o sistema de cotas são pouco conhecidas por eles, levando-os a nem os cogitarem como possibilidade de acesso. Este fato nos remete mais uma vez à questão sobre o conhecimento das oportunidades de acesso ao ensino superior (página 49), na qual, 16% responderam que nunca ouviram falar sobre as IES e 41 sabiam muito pouco. Neste ponto surge uma reflexão: além do desconhecimento, haverá também um sentimento de não pertencimento àquele espaço?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Conclusões

Os dados levantados para o bairro Mathias Velho nos faz percebê-lo como um lugar com pouca disponibilidade de equipamentos culturais, densamente ocupado, e com poucos espaços de lazer para a comunidade local. A população mais periférica do bairro (a oeste) possui ainda menos acesso ao lazer, em especial áreas verdes, pois a densa ocupação acentua-se ao distanciar-se do centro da cidade. Além disso, os dados demográficos e espacializados, revelam a concentração de características relacionadas à vulnerabilidade social na parte oeste do bairro, área de inserção da escola na qual o estudo foi realizado.

As entrevistas realizadas com os alunos formandos da escola demonstraram interesse em realizar um curso superior, porém, apenas três dos 80 alunos têm ao menos conhecimento razoável sobre todas as modalidades de ingresso. Tendo-se em conta que a escolaridade da família se constitui no principal fator de influência na forma como esses estudantes vão encarar as oportunidades, é relevante o fato de 50% dos entrevistados possuírem pais com apenas o ensino fundamental. De modo geral, os estudantes mostraram ter conhecimentos gerais sobre o ENEM, contudo, em relação aos programas e aos direitos de reivindicarem uma vaga no ensino superior, eles demonstraram um grande desconhecimento. Essa falta de informações sobre os meios de acesso e ações afirmativas faz com que o acesso ao ensino superior pareça algo muito mais distante do que realmente é.

A escola, o bairro e a família podem influenciar na decisão desses jovens em dar continuidade ou não aos estudos. Neste sentido, analisando a realidade desses alunos temos a posto que: o bairro é considerado um lugar vulnerável, sem acesso a diferentes oportunidades culturais (bibliotecas, cursos, teatro, entre outros); a escola é estigmatizada, com profissionais desvalorizados pela sociedade e pelos governos, sem infraestrutura e buscando sanar as mais variadas demandas trazidas pelos alunos e famílias; a família que, com baixa escolaridade, não possui os ativos

necessários para validar o trabalho executado na escola. Juntos, compõem um conjunto de fatores transformados em barreiras que distanciam o aluno formando do ensino médio do acesso ao ensino superior. Tais alunos, em sua maioria, são aqueles que por meio do seu poder de agência, podem quebrar um ciclo de baixa escolaridade e vulnerabilidade da sua família.

Todavia, O conhecimento de tal realidade pode favorecer a realização de ações voltadas à divulgação e de incentivo ao estudo e ao ingresso no ensino superior. Durante a realização deste trabalho, com o resultado das pesquisas e identificação dos itens de menor conhecimento dos alunos sobre o assunto, foram organizadas aulas e palestras sobre o tema. Essas aulas abordaram temas como renda per capita, ENEM, vestibular, cotas, funcionamento de uma faculdade, divulgação das IES, entre outras dúvidas que surgiram por parte dos alunos. Essa experiência possibilitou compreender claramente que, além da família, o professor tem um papel de elevada importância na vida desses jovens, podendo exercer o papel de agente motivador, de mudança de perspectiva e atuando ainda como fonte de informação e de incentivo, especialmente para os alunos oriundos de contextos vulneráveis e de famílias de escolaridade e baixa renda.

Quanto às limitações do estudo, houve dificuldades durante a coleta de dados disponibilizados para programas como FIES e SISU, tanto em relação à quantidade quanto à qualidade dos dados divulgados. Também, faz-se necessário destacar a falta de dados relacionados aos anos de estudo da população, em nível de setor censitário, coletados pelo IBGE apenas até o Censo Demográfico do ano 2000.

Para outros estudos desta natureza, recomenda-se a utilização de entrevistas individuais, a fim de compreender melhor as subjetividades das respostas oferecidas pelos estudantes entrevistados, sendo esta uma ação futura de continuidade a este trabalho. Faz-se também necessário avaliar a influência da infraestrutura das escolas nas perspectivas dos alunos e, entender quais as perspectivas dos professores quanto ao futuro escolar destes, com vistas a compreender o como esses fatores impactam nos envolvidos. Como desdobramento, pretende-se, ainda, avaliar as iniciativas da universidade voltadas ao público em questão, visando a aproximação entre escolas em territórios vulneráveis e o ensino superior gratuito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Manoel de. A expansão e a persistência das desigualdades no sistema de ensino superior no Brasil. In: FAHEL, Murilo et al (Org.). **Desigualdades educacionais e pobreza**. Belo Horizonte: Puc Minas, 2013. p. 49-66.

BRASIL. **Decreto Nº 6.135, de 26 de Junho de 2007.**: Dispõe sobre o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e dá outras providências.. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6135.htm>. Acesso em: 15 nov. 2019.

_____. **Decreto nº 7824, de 11 de outubro de 2012.** Regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm> Acesso em: 25 nov. 2019

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas. Brasília, 2019.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2017: Sinopses estatísticas. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2017.zip>. Acesso em: 23 nov. 2019.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **ENEM:** Histórico. 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/enem/historico>>. Acesso em: 20 out. 2019.

_____. **Lei Nº 11.096, de 13 de Janeiro de 2005.**: Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI. Brasília, DF, Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

_____. **Lei nº 12711, de 29 de agosto de 2011.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 25 nov. 2019.

_____. MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **MOPS:** Mapas Estratégicos Para Políticas de Cidadania. 2019. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/mops/index.php#>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Prouni:** Programa universidade para todos. 2019. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Prouni:** Representações Gráficas. 2018. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/dados-e-estatisticas/10-representacoes-graficas>>. Acesso em: 30 out. 2019.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Sisu:** Sistema de Seleção Unificada. 2019. Disponível em: <<http://www.sisu.mec.gov.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Portaria Normativa Nº 21, de 5 de Novembro de 2012:** Dispõe sobre o Sistema de Seleção Unificada - Sisu. Brasília, DF, Disponível em: <<https://sisu.furg.br/images/portaria21mec.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BEN AYED, C.; BROCCOLICHI, S. Quels liens entre réussite scolaire, inégalités sociales et lieu de scolarisation? Revue Ville École Intégration Diversité, Paris, n. 155, p. 66-71, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.educ-revues.fr/DVST/AffichageDocument.aspx?iddoc=37456>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e a cultura. In: BOURDIEU, P. Escritos da educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANOAS. Observatório de Segurança Pública. Prefeitura Municipal de Canoas. **Estatísticas Criminais:** 2017. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Indicadores-criminais-Jan-Dez-2017-atualizado_vers%C3%A3o-para-SITE-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CENPEC. Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole – Síntese das conclusões. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Pesquisa-de-Vulnerabilidade-internet.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

FLORES, C. Segregação residencial e resultados educacionais na cidade de Santiago do Chile. In: RIBEIRO, L.C.Q.; KAZTMAN, R. (Ed.). A cidade contra a escola: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008. p. 145-179.

GALSTER, G., KILLEN, S. The geography of metropolitan opportunity: a reconnaissance and conceptual framework. Housing Policy Debate 6, 1995, p. 7-43.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). SIDRA/Banco de Dados Agregados. Censo Demográfico - Tabela 1383 - Taxa de alfabetização das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/default.asp>> .Acesso em: 15 de ago. 2019.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. 2017. Disponível em: <<http://idebescola.inep.gov.br/ideb/consulta-publica>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

KAZTMAN, R. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. Revista de la CEPAL, Chile, n. 75, p. 171-189, dec. 2001.

KOSLINSKI, Marian e Campelo; ALVES, Fátima. NOVOS OLHARES PARA AS DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS:: A SEGREGAÇÃO RESIDENCIAL E A RELAÇÃO FAVELA ASFALTO NO CONTEXTO CARIOCA. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p.805-831, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/09.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

PENNA, Rejane; CORBELLINI, Darnis; GAYESKI, Miguel. **Para lembrar quem somos**: Mathias Velho. Canoas: Editora La Salle, 2000.

Prefeitura Municipal de Canoas. **Estado da Cidade**: Um retrato de Canoas 2014. Canoas: Instituto XXI, 2014.

Prefeitura Municipal de Canoas. **Estado da Cidade**: Um retrato de Canoas 2015. Canoas: Instituto XXI, 2015.

Prefeitura Municipal de Canoas. **Estado da Cidade**: Um retrato de Canoas 2016. Canoas: Instituto XXI, 2016.

ROCKENBACH, Carla Thiesen. **Ações afirmativas na UFRGS na perspectiva de estudantes de escolas públicas do município de Porto Alegre**. 2013. 97 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

APÊNDICE B - Questionário de pesquisa aplicado na escola

Idade:

Gênero:

Como você se identifica quanto a sua cor ou raça?

() Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena

Você trabalha? () Sim () Não

Se sim, em que área e com quantos anos começou a trabalhar?

Qual a profissão e a escolaridade dos seus responsáveis?

Quantas pessoas moram com você e qual a idade delas?

Quantas pessoas que moram com você trabalham? _____

A renda da sua família por pessoa é de :

() Até um salário mínimo (menos de R\$998) () Até um salário mínimo e meio (R\$1497)

() Até dois salários mínimos (R\$1996) () Até três salários mínimos (R\$2994)

() Mais de 3 salários mínimos (R\$2994)

Além da escola você realiza alguma outra atividade em grupo? (igreja, cursos, esportes, atividades culturais, ou outros) Com que frequência?

Pensa em fazer algum curso quando terminar o Ensino Médio? () Sim () Não

Se sim, qual curso e onde gostaria de fazê-lo?

Você sabe o que é uma faculdade?

() Nunca ouvi falar () Sei um pouco () Sei razoavelmente () Sei como funciona

Tem contato com alguma pessoa que tenha ensino superior? Se sim, quem?

Você gostaria de fazer uma faculdade?

() Sim () Não () Não sei ainda

Se sim, você pretende concorrer utilizando alguma das formas de acesso abaixo?

- ProUni Cotas sociais Cotas raciais Cotas sociais e raciais Sisu
 FIES Não conheço essas formas de acesso Outra. Qual? _____

Você conhece as formas de acesso ao ensino superior?

- Nunca ouvi falar Sei um pouco Sei razoavelmente Sei como funciona

Você sabe como funciona o ENEM?

- Nunca ouvi falar do ENEM Sei muito pouco Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas
 Sei como funciona o ENEM e não tenho dúvidas

Você sabe como funciona o ProUni?

- Nunca ouvi falar do ProUni Sei muito pouco Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas
 Sei como funciona o ProUni e não tenho dúvidas

Você sabe como funciona o SISU?

- Nunca ouvi falar do SISU Sei muito pouco Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas
 Sei como funciona o SISU e não tenho dúvidas

Você sabe como funciona o FIES?

- Nunca ouvi falar do FIES Sei muito pouco Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas
 Sei como funciona e não tenho dúvidas

Você sabe como funciona o sistema de cotas sociais e raciais para acesso às universidades públicas?

- Nunca ouvi falar sobre cotas Sei muito pouco Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas
 Sei como funciona o sistema de cotas e não tenho dúvidas

Você sabe o que é uma Universidade Federal ou Instituto Federal?

- Nunca ouvi falar sobre Sei muito pouco Sei razoavelmente, mas tenho dúvidas
 Sei como funcionam e não tenho dúvidas

Você acredita que pode ingressar em uma faculdade? Por que? Sim Não Não sei

Você tem acesso à informações sobre o ingresso em faculdades? Sim Não

Se sim, de quais fontes:

- Trabalho Família Amigos Redes sociais Professores
 Escola Sites de Universidades Outros: Quais?

A sua família te incentiva a estudar? Sim Não Parcialmente

Você encontra incentivo fora da sua família? Se sim, onde ou em quem.

Você já repetiu algum ano na escola? Se sim, em quais? () Sim () Não

Você se sente motivado a seguir seus estudos? () Sim () Não () Parcialmente

Para você, para que serve o estudo?